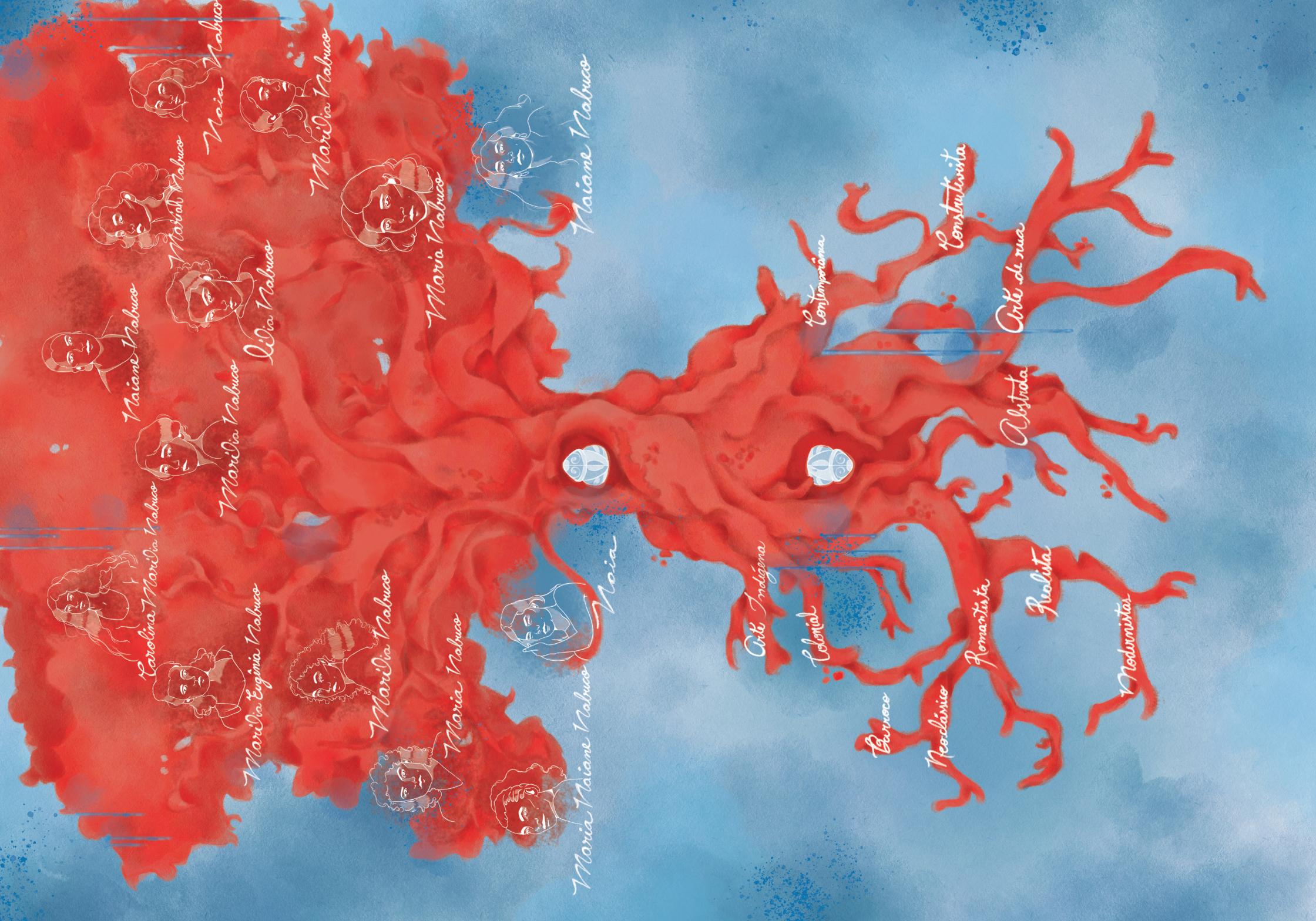




Retratos da Terra Vermelha

ISABELA GUERRA



Carolina Nabuco



Maria Eugênia Nabuco



Maria Nabuco



Maria Naiane Nabuco



Noia Nabuco



Maria Nabuco



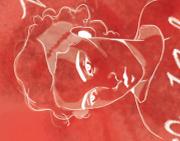
Maria Nabuco



Naiane Nabuco



Naiane Nabuco



Maria Nabuco



Noia Nabuco



Maria Nabuco



Maria Nabuco



Maria Nabuco

Arte Indígena

Colonial

Barroco

Neoclássico

Romantista

Realista

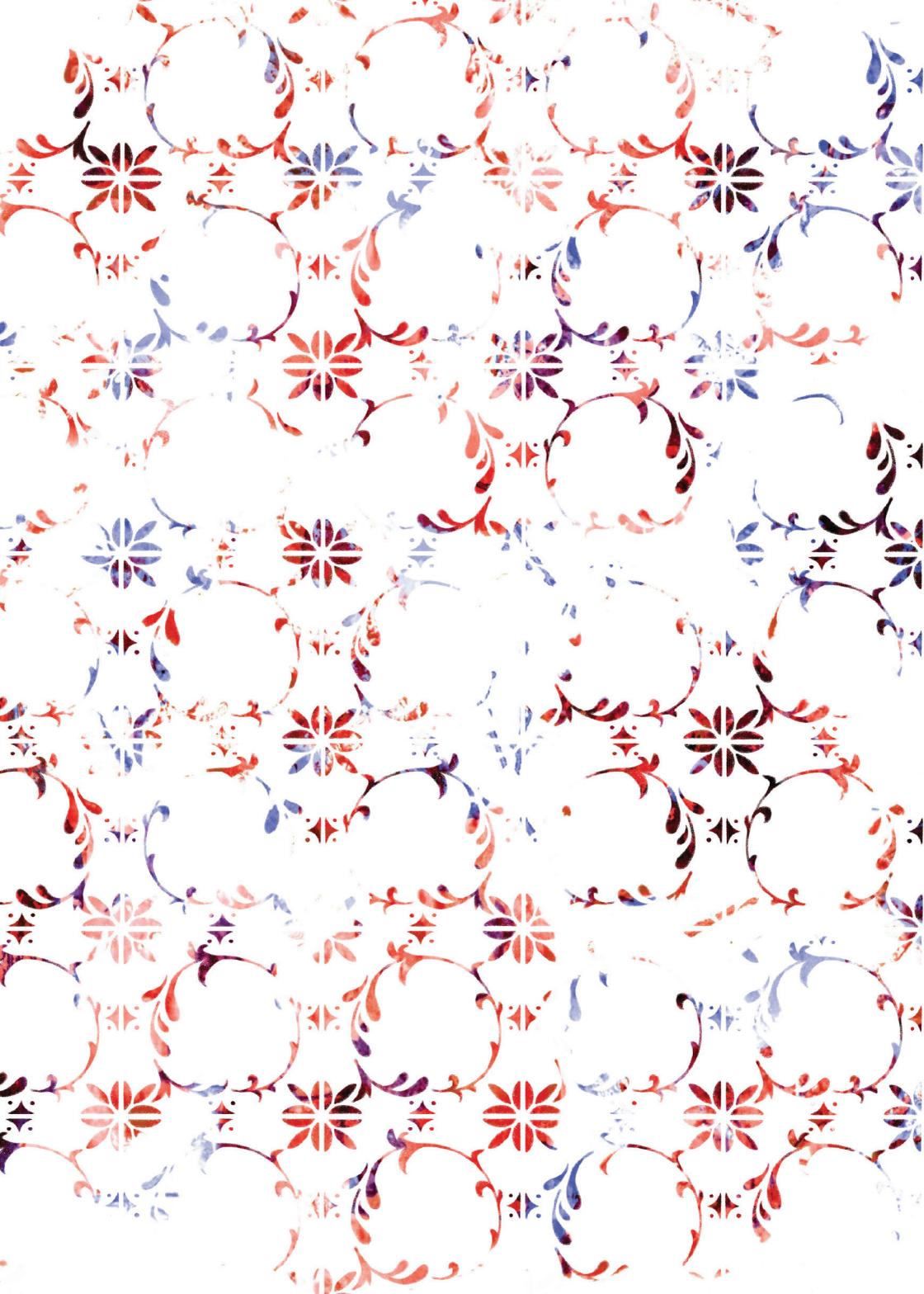
Modernistas

Contemporânea

Abstrata

Arte de rua

Construtivista



Retratos da Terra Vermelha

Autora e Ilustradora
Isabela Guerra



Retratos da Terra Vermelha 2024 Isabela B A P Guerra
Todos os direitos reservados.

Retratos da Terra Vermelha, de Isabela Guerra, foi criado para o projeto de conclusão de curso da mesma, orientado pela professora Cristina Colombo Nunes, no curso de Design na Universidade Federal de Santa Catarina para o segundo semestre de 2024.

Projeto editorial
Isabela Guerra

Textos
Isabela Guerra

Ilustrações
Isabela Guerra

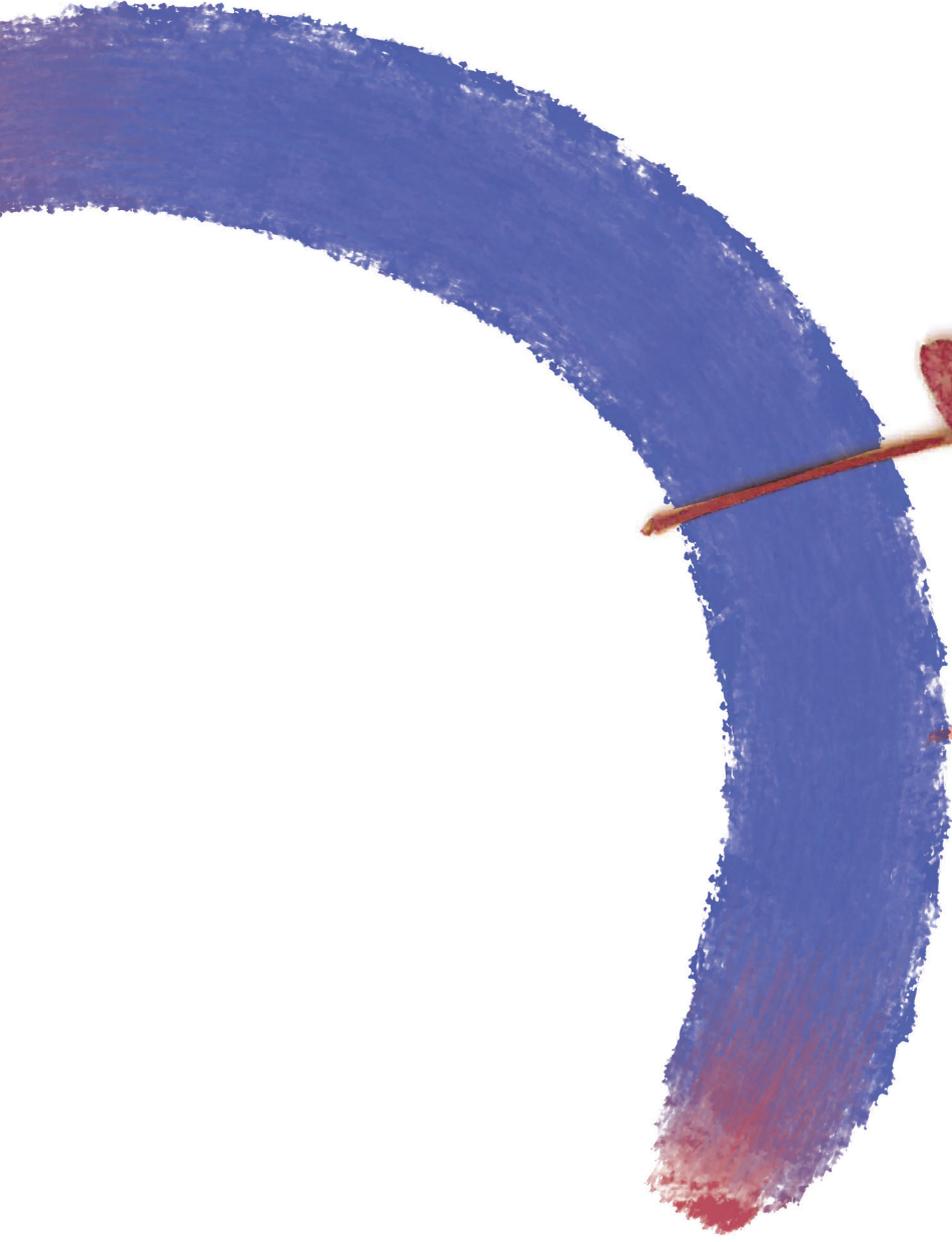
Rede da artista
[@artedagueraa](#)



Retratos da Terra Vermelha

Isabela Guerra





Para Jardiniere



Agradeço a todos os professores que desenharam este livro indiretamente junto de mim, cada ensinamento que construiu quem eu sou hoje está registrado nas páginas e nas palavras deste objeto de carinho, anseio que orgulhe alguns de vocês.

Desejo que assim como o trabalho de vocês me inspirou, este projeto também inspire novos artistas.

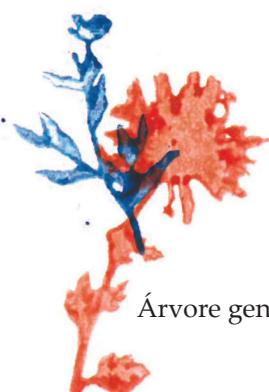


“Morta... serei árvore
Serei tronco, serei fronde
E minhas raízes
Enlaçadas às pedras de meu berço
são as cordas que brotam de uma lira.

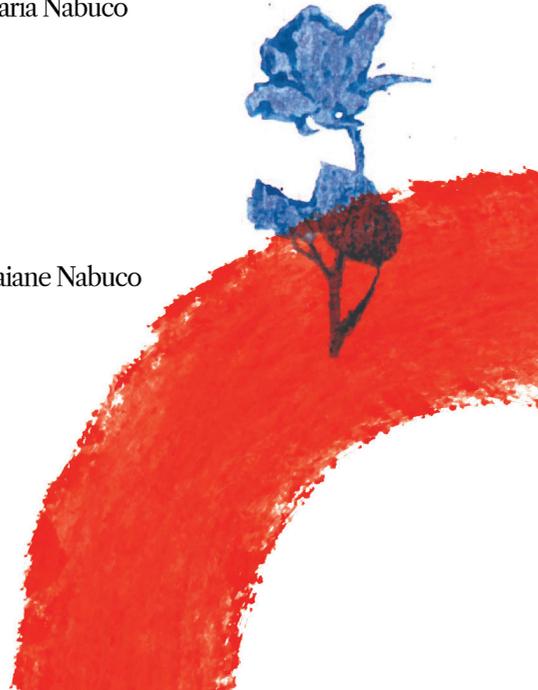
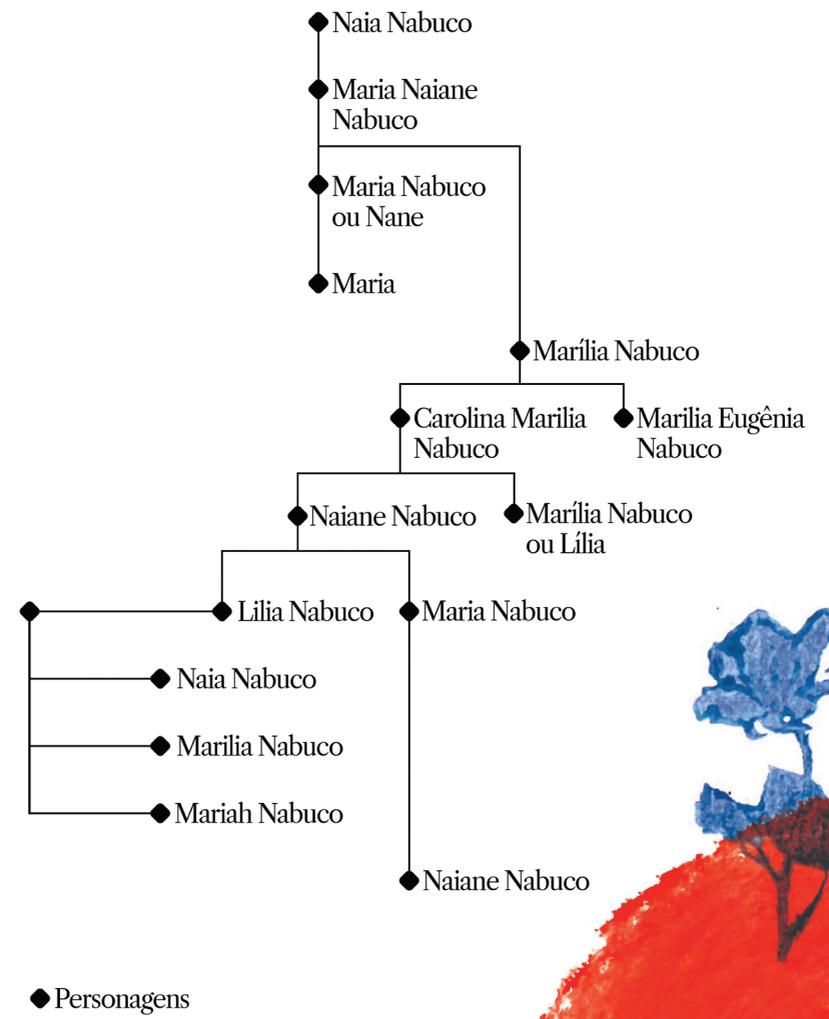
Enfeitei de folhas verdes
A pedra de meu túmulo
num simbolismo
de vida vegetal.

Não morre aquele
que deixou na terra
a melodia de seu cântico
na música de seus versos.”

- Cora Coralina, Meu livro de cordel



Árvore genealógica feminina da família Nabuco



15	01	17	02	27	03	37
Prefácio	Arte Indígena	Arte Colonial	Arte Barroca			
06	05	47	04			
67	57	47				
Arte Realista	Arte Romantista	Arte Neoclássica				
07	08	09				
77	87	97				
Arte Modernista I	Arte Modernista II	Arte Abstrata				
12	11	10				
125	115	107				
Arte Contemporânea	Arte Urbana	Arte Construtivista				
138	140	142				
Pós-fácio	Cronologia	Extras				

Esta coleção de contos sobre mulheres, história e Brasil foi produzida como meu projeto de conclusão, escrito e ilustrado por meu nome, Isabela Guerra. Meu intuito foi reunir memória com ficção, a fim de interessar possíveis leitores a conhecer este mundo tão próximo, porém tão distante que é a história da arte brasileira e a história de mulheres no Brasil.

O conceito desenvolvido foi utilizar a história de uma personagem representativa para cada época ou movimento artístico acontecido no Brasil até o ano de 2022, com o centenário da semana da arte moderna.

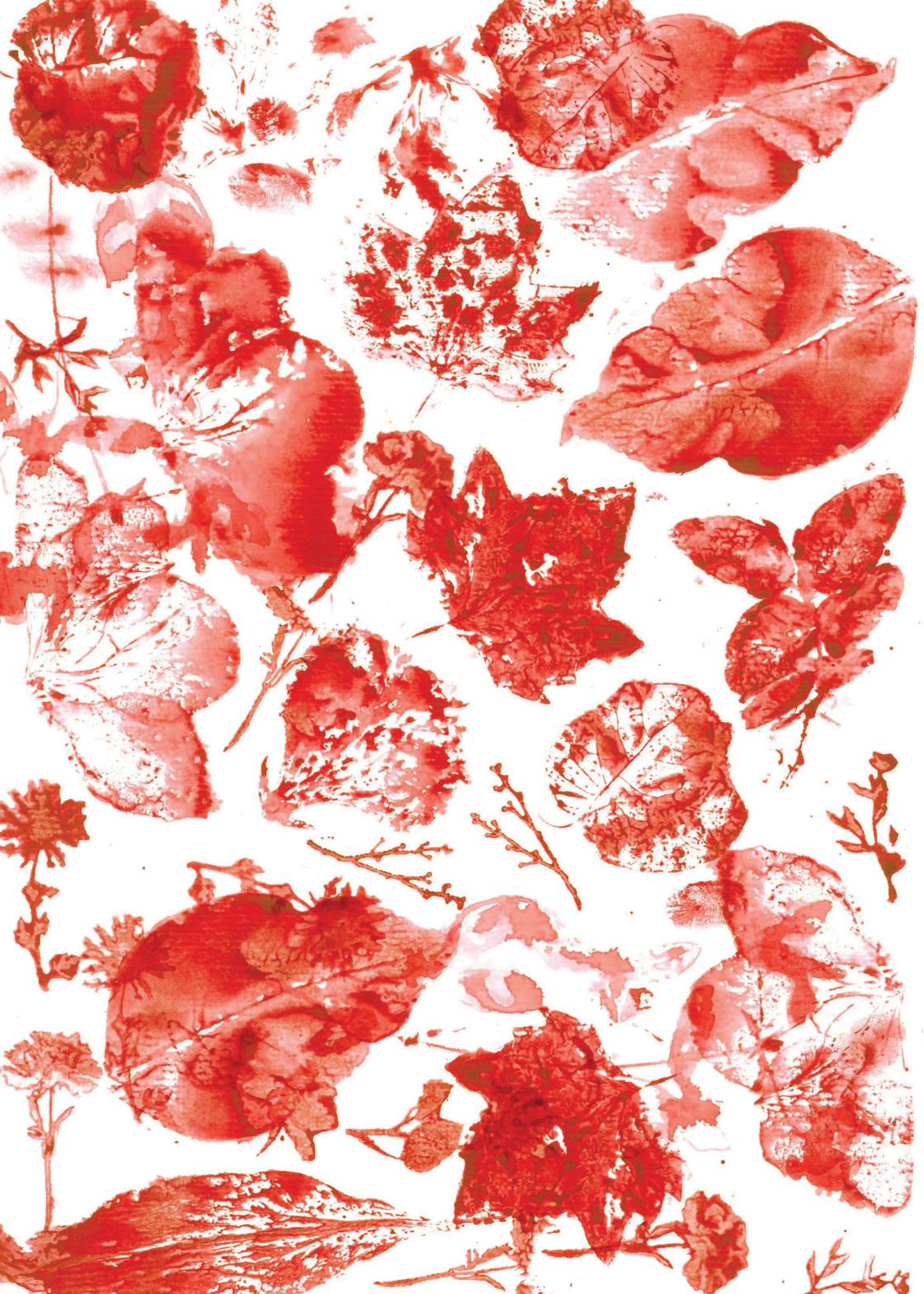
A jornada começa com Arte Indígena e caminha até o movimento de Arte Contemporânea, passando pelos movimentos:

Colonial, Barroco, Neoclássico, Romântico, Realista, Modernista, Abstrato, Construtivista e Arte de Rua.

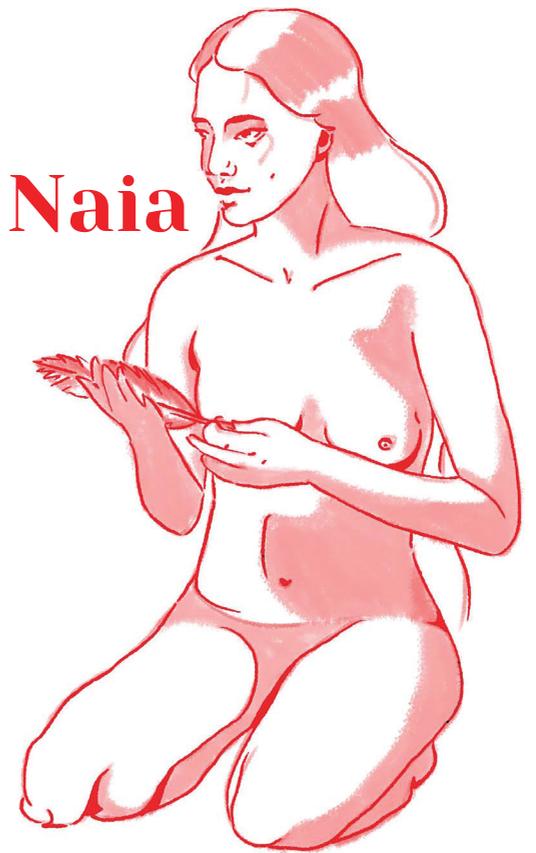
Convido a embarcar neste livro, arraigado em tantas outras histórias de famílias brasileiras e inspirado na minha própria família. Então tente se identificar e investigar um pouco sobre as mulheres de sua própria família. Investigue sobre as artistas mulheres desta geração e de tantas outras que já passaram, o buraco é fundo e espero que este livro só comece a cavar seu interesse.



Arte Indígena



Naia



Antes que o sol preguiçoso se deitasse no horizonte, Naia ia ficando sozinha, observava enquanto todos ao seu redor caíam na mandinga madorra, arrastando os pés, coçando os olhos úmidos de lágrima e abrindo a boca como cobras em longos bocejos. Logo em torno dela, todos adormeceram enfeitados e ela ficou só.

Antes de só ser capaz de enxergar o nada, Naia se embrenhava no quase noite, reconhecendo cada passo, encontrava sua clareira, onde via e sentia a vida em metamorfose, a grama ainda seca roçava em sua pele e esperava o choro melancólico das damas da noite. Enquanto o sol cortejava sua parceira criando o céu mais bonito do dia, Naia ansiava pelo encontro com sua Kerretorré¹ que brilhava todas as noites.

Antes da lua saudar soturnamente seu parceiro, Naia se espreguiçava em preparação para o momento mais aguardado do dia, o encontro com a saudade.

Nesta noite, porém, a saudade trouxe alertas ancestrais, conselhos navegantes sobre céu, homens e seus Pais².

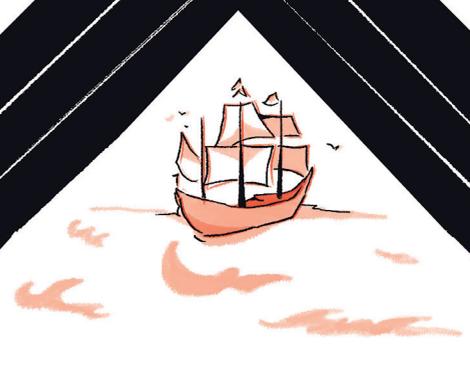
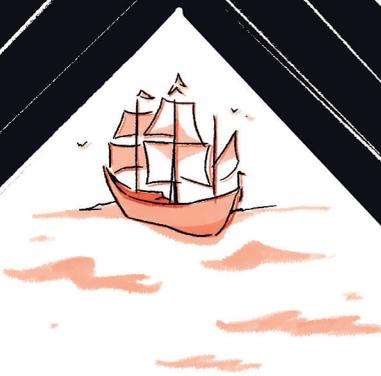
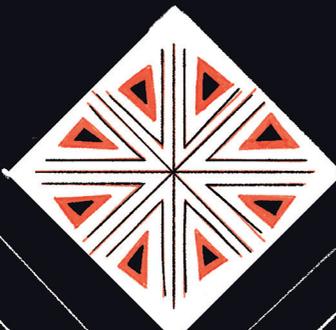
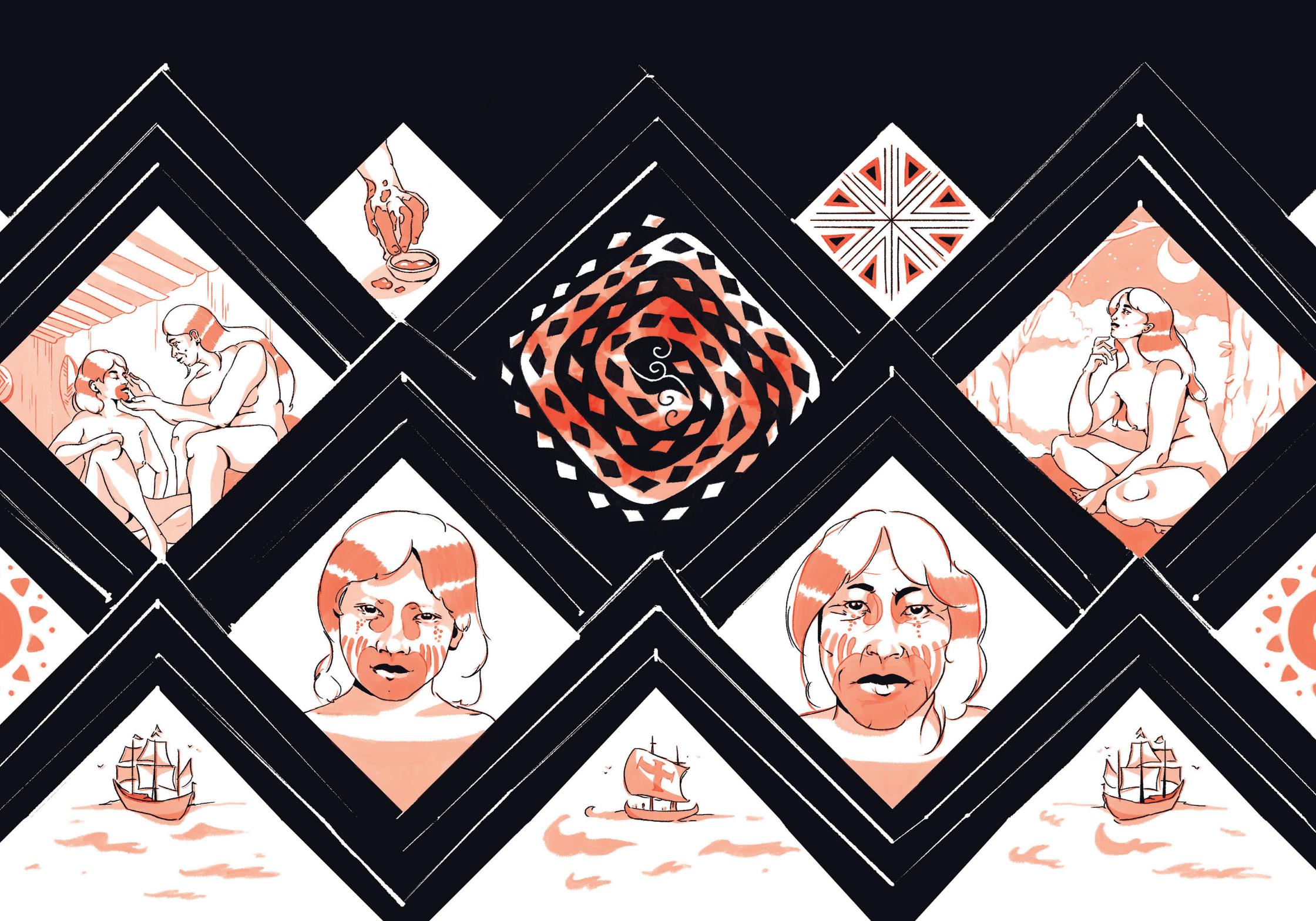
Antes do astro enxotar Naia incomodado com a intromissão noturna, a menina curiosa e sonhadora se sentia mais agoniada pelos conselhos com entusiasmo de algo novo do que pela preocupação de mudança.

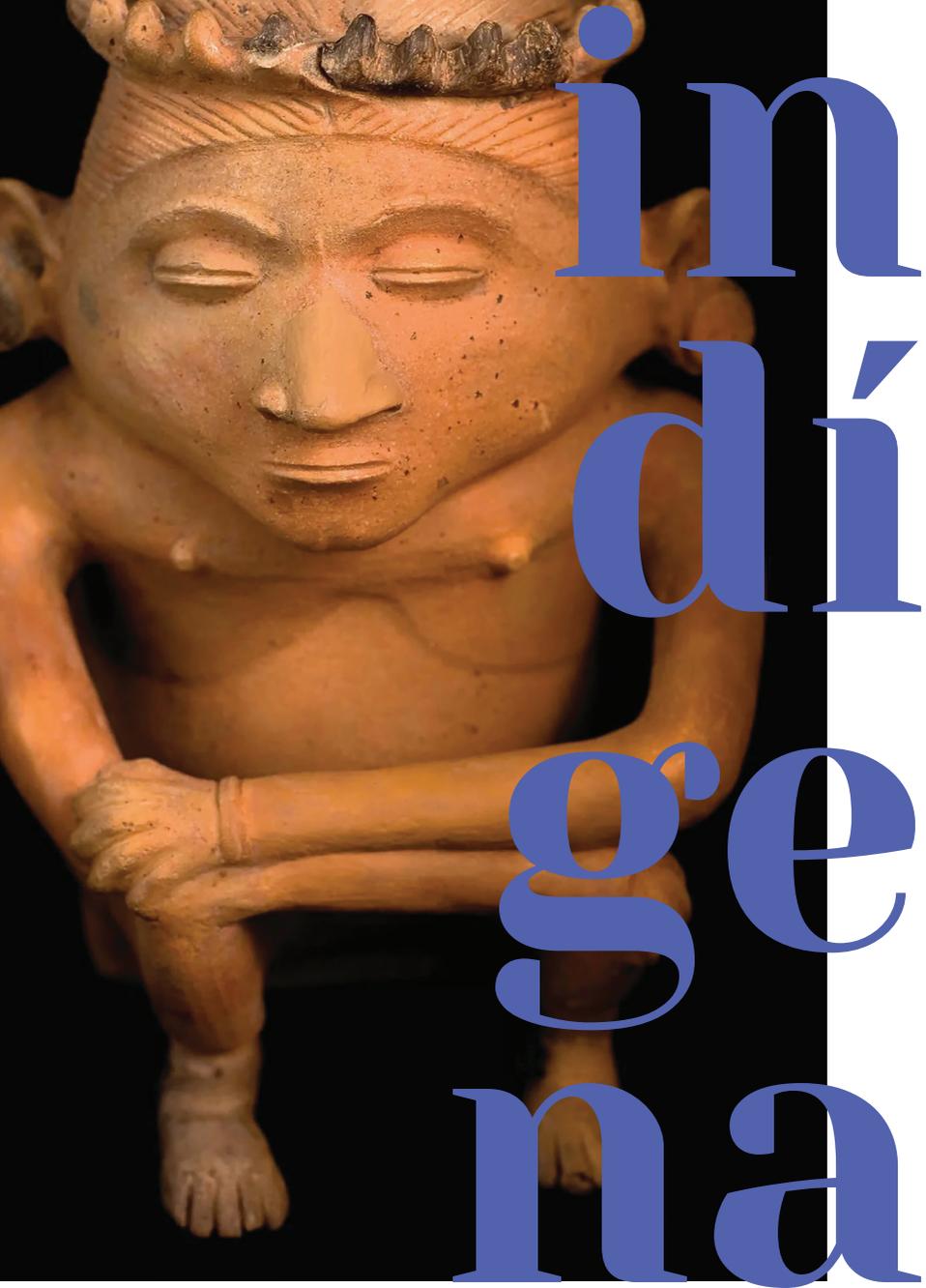
Já sentindo os olhos sendo fechados pelo astro lunar, ela dizia adeus ao curto momento arrastando seus pés, coçando seus olhos igual às damas noturnas e abrindo sua boca como bote de cobra.

Antes de mergulhar no mar profundo do sono, Naia se aninhava em seu leito e mais uma noite, como tantas outras, dormia leve, como se estivesse boiando em direção ao céu, em direção às saudosas estrelas.

1 Kerretorré significa avó na língua dos Pataxós, povo nativo do nordeste brasileiro, onde os portugueses primeiro embarcaram.

2 Pais com P maiusculo são os deuses genitores de tribos indígenas.





indígena

Cerâmica Santarém (PA), Escultura Tapajós

“Pindorama”, segundo o dicionário brasileiro, significa “Nação, país, território das palmeiras” ou também “Designação dada pelos ando-peruanos e habitações indígenas ao Brasil.”, mas segundo a canção infantil do grupo palavra cantada, cravada na mente de toda uma geração, “Pindorama é o Brasil antes de Cabral”.

Os primeiros movimentos artísticos elaborados no território brasileiro foram as manifestações dos povos originários, que não distinguiam artefatos de arte, ou seja, manifestações culturais presentes no cotidiano dos povos eram arte. Cerâmica, olaria, tecelagem, cestaria, joalheria, esculturas, pintura facial, corporal, são alguns dos exemplos.

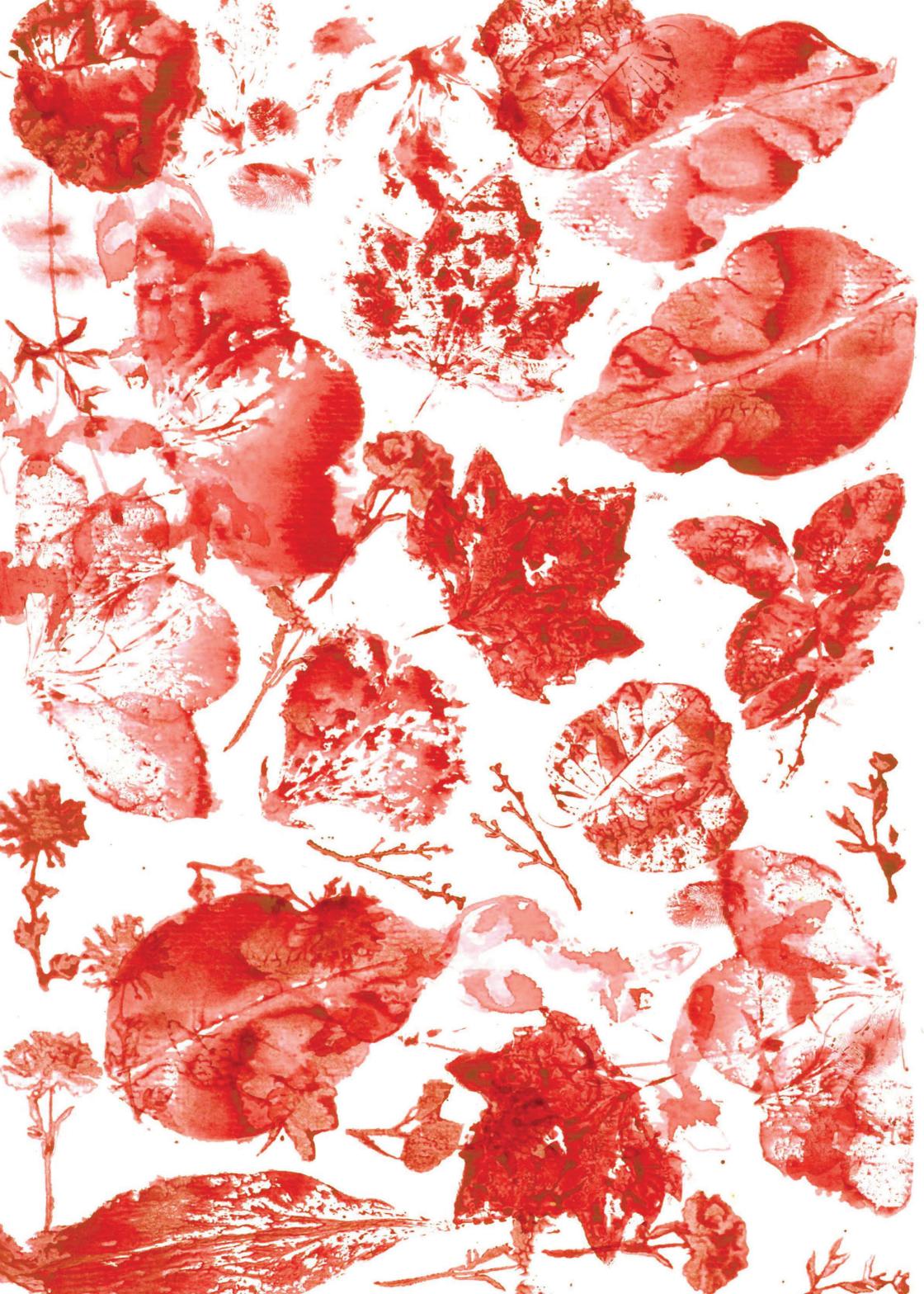
Pelo território brasileiro ser muito extenso, com mais de 300 grupos étnicos indígenas diferentes, há grande diversidade de manifestações artísticas particulares a cada grupo. Na região Amazônica, encontramos grupos como os Baniwa, habilidosos na produção de cestas e cerâmicas, utilizam materiais naturais, como fibras de arumã, madeira e pontas de quartzo.

No Nordeste, os Kanela são especialistas na criação de joias feitas de miçangas e sementes, marcadas por desenhos geométricos, remetendo às origens com a natureza. No Centro-Oeste, os Wauja ou Waurá são notórios pela cerâmica, seus cestos adornados por grafismos, sua arte plumária e máscaras rituais. Na região Sul, grupos como os Guarani, são destaque nas cerâmicas com vasos, potes e estátuas.

A produção artística indígena está enraizada na cultura dos povos originários, com diversos exemplares pré-históricos ou produções contemporâneas, este será o pontapé dessa história, mas diferente de outros movimentos não é contido em um período, é uma tradição perpetuada até os dias atuais.



Arte Colonial



Maria Naiane Nabuco





Quando o outono abeirou não foi só a terra e os céus que se transformaram, como se não fosse nada, começou a mudança de tudo. Nossa língua ficou pequena e a orelha pesada de tanto sermão.

“Uma geração vai, e outra geração vem, porém a terra para sempre permanece. E nasce o sol, e põe-se o sol, e apressa-se a voltar ao seu lugar de onde nasceu.”¹

Mesmo com os ventos cortantes vindos do mar invernal, nenhum frio nossa gente sentia, até nosso suor mudou e seu sal semeou lavouras de agonia.

“ O vento vai para o sul, e faz o seu giro para o norte; continuamente vai girando, e volta o vento sobre os seus giros.”

As cores primaveris mudaram junto das cores da nossa pele, as garoas trouxeram outros batismos, suor e sangue recém nascido.

“ Todos os ribeiros vão para o mar, e contudo o mar não se enche; ao lugar para onde os ribeiros vão, para ali tornam eles a ir.”

Ardente e turvo chegou o verão, nossa gente tão mudada já não se reconhece, o que restou foi o conforto das cruces alheias.

“Todas as coisas cansam tanto, que ninguém o pode exprimir; os olhos não se fartam de ver, nem se enchem os ouvidos de ouvir.”

Com o retorno das folhas secas outonais aprendi que uma geração vai e outra vem, quando tudo muda, nosso povo foi convencido que nada há de mudar.

“O que foi, isso é o que há de ser; e o que se fez, isso se fará; de modo que nada há de novo debaixo do sol.”

¹ *“4 Uma geração vai, e outra geração vem, porém a terra para sempre permanece.*

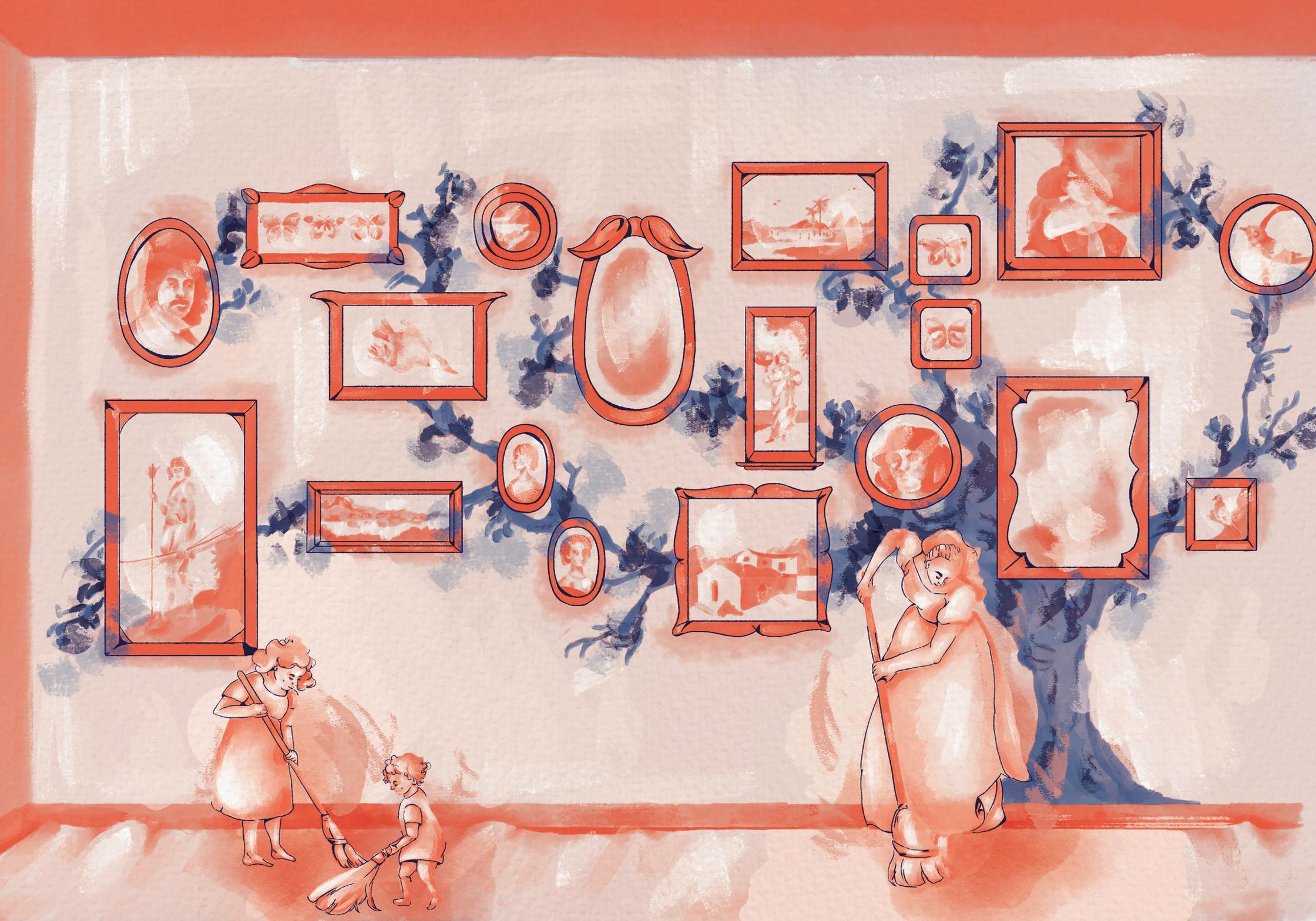
5 E nasce o sol, e põe-se o sol, e apressa-se a voltar ao seu lugar de onde nasceu.

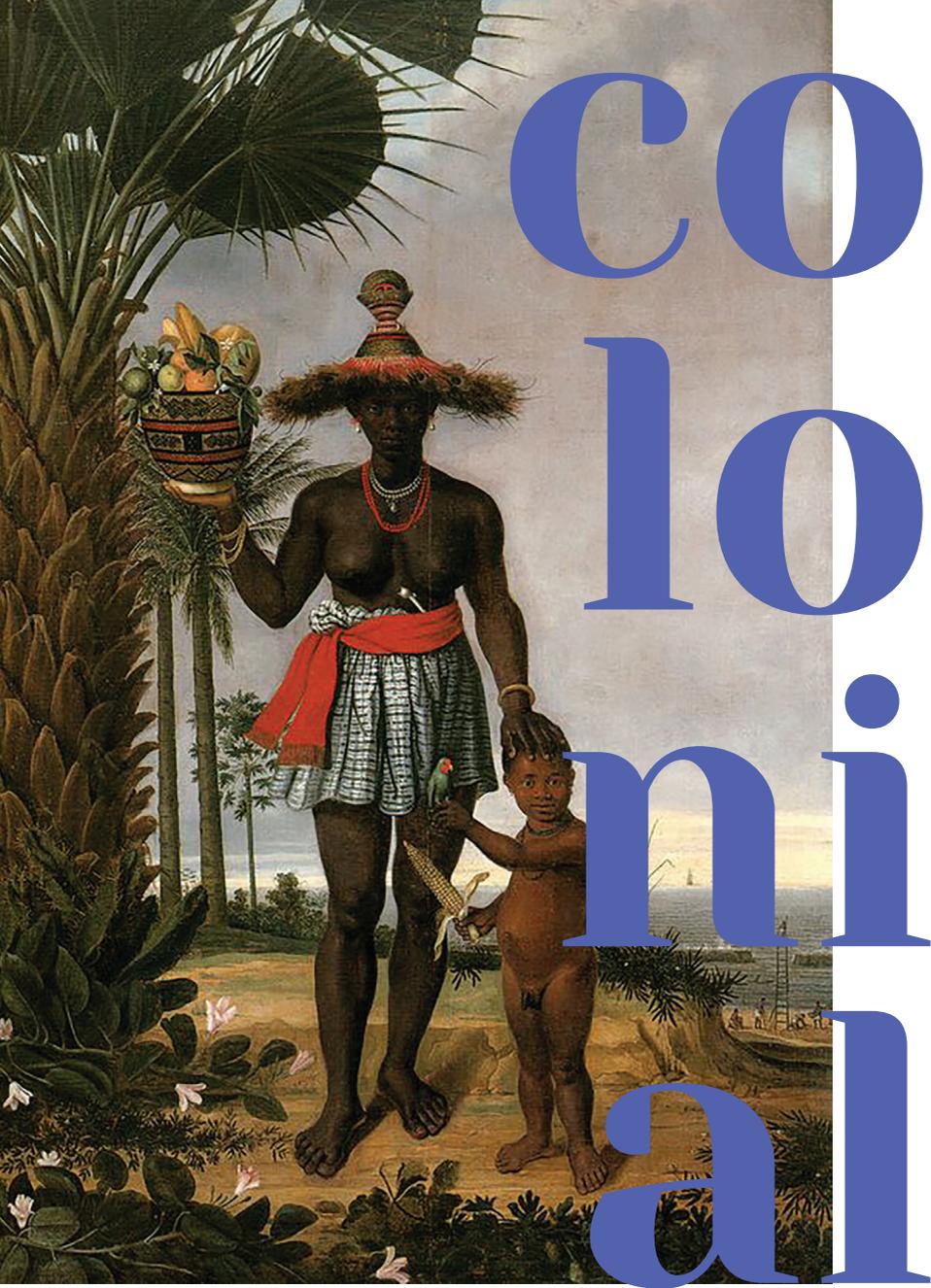
6 O vento vai para o sul, e faz o seu giro para o norte; continuamente vai girando, e volta o vento sobre os seus giros.

7 Todos os ribeiros vão para o mar, e contudo o mar não se enche; ao lugar para onde os ribeiros vão, para ali tornam eles a ir.

8 Todas as coisas cansam tanto, que ninguém o pode exprimir; os olhos não se fartam de ver, nem se enchem os ouvidos de ouvir.

9 O que foi, isso é o que há de ser; e o que se fez, isso se fará; de modo que nada há de novo debaixo do sol.” - Passagem de Eclesiastes Capítulo 1.





Mulher Africana, 1641, Albert Eckhout.
Óleo sobre tela, 267,00 cm x 178,00 cm

Em 22 de abril de 1500 Pindorama se torna “*Vera Cruz*” por um povo que acreditava ter descoberto a “ilha”. Neste dia, a frota do comandante português Pedro Álvares Cabral desembarca na região sul do litoral da Bahia, na cidade de Porto Seguro e o processo de colonização começa na terra hoje chamada de Brasil.

A colonização brasileira iniciou focada no extrativismo e na exploração dos povos originários, principalmente com a extração do pau-brasil, porém quando o território começa a sofrer ameaças de invasão, Portugal passa a enviar jesuítas que começam a desenvolver produções culturais nacionais.

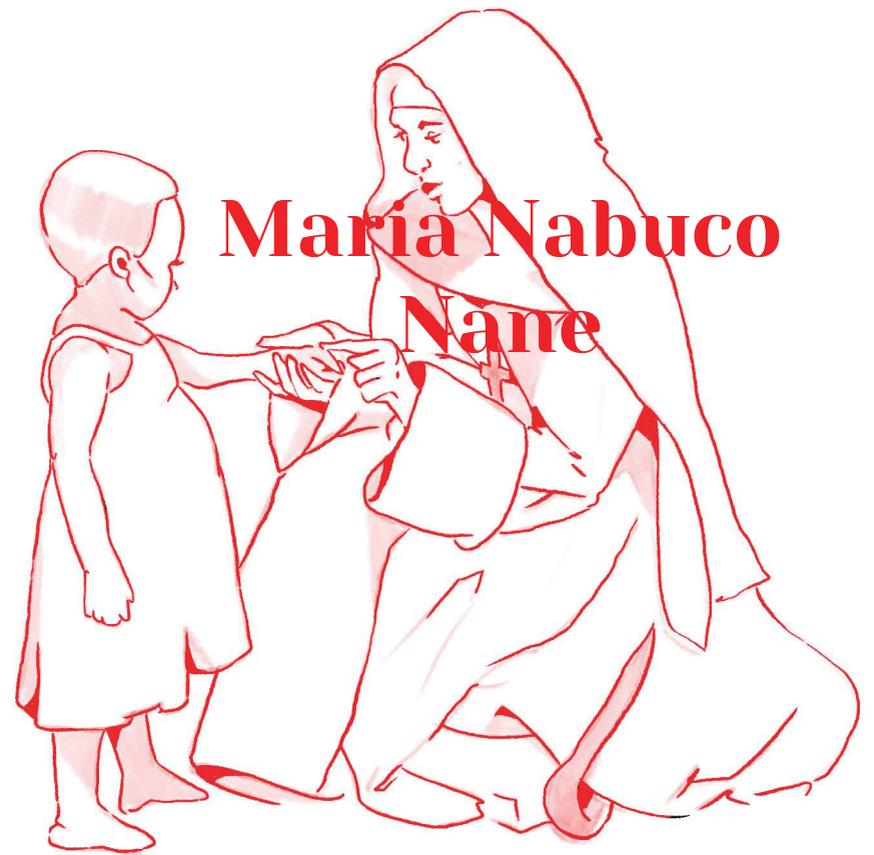
Entre 1500 e 1822 o Brasil é marcado pelo período colonial em todas as frentes artísticas do país, desde literatura e arquitetura até a pintura e desenhos. Neste período, a arte era uma forma de catequização, então as manifestações eram carregadas de simbolismos religiosos. Padres jesuítas lecionavam oficinas que originaram artesãos de origens indígena e africana, porém, os artistas de destaque eram os próprios padres ou outros imigrantes europeus, como o pintor frei Belchior Paulo, o artesão Johan Traer, ou com a invasão holandesa, os pintores Frans Post e Albert Eckhout.

Essencialmente as pinturas feitas neste período documentam o cotidiano que começava a se formar no país, registrando paisagens, espécies da fauna e da flora e a vida do novo povo em formação. Na arquitetura o maneirismo estava em voga, característico como sóbrio, com fachadas geométricas, janelas simples e pouco decorado.

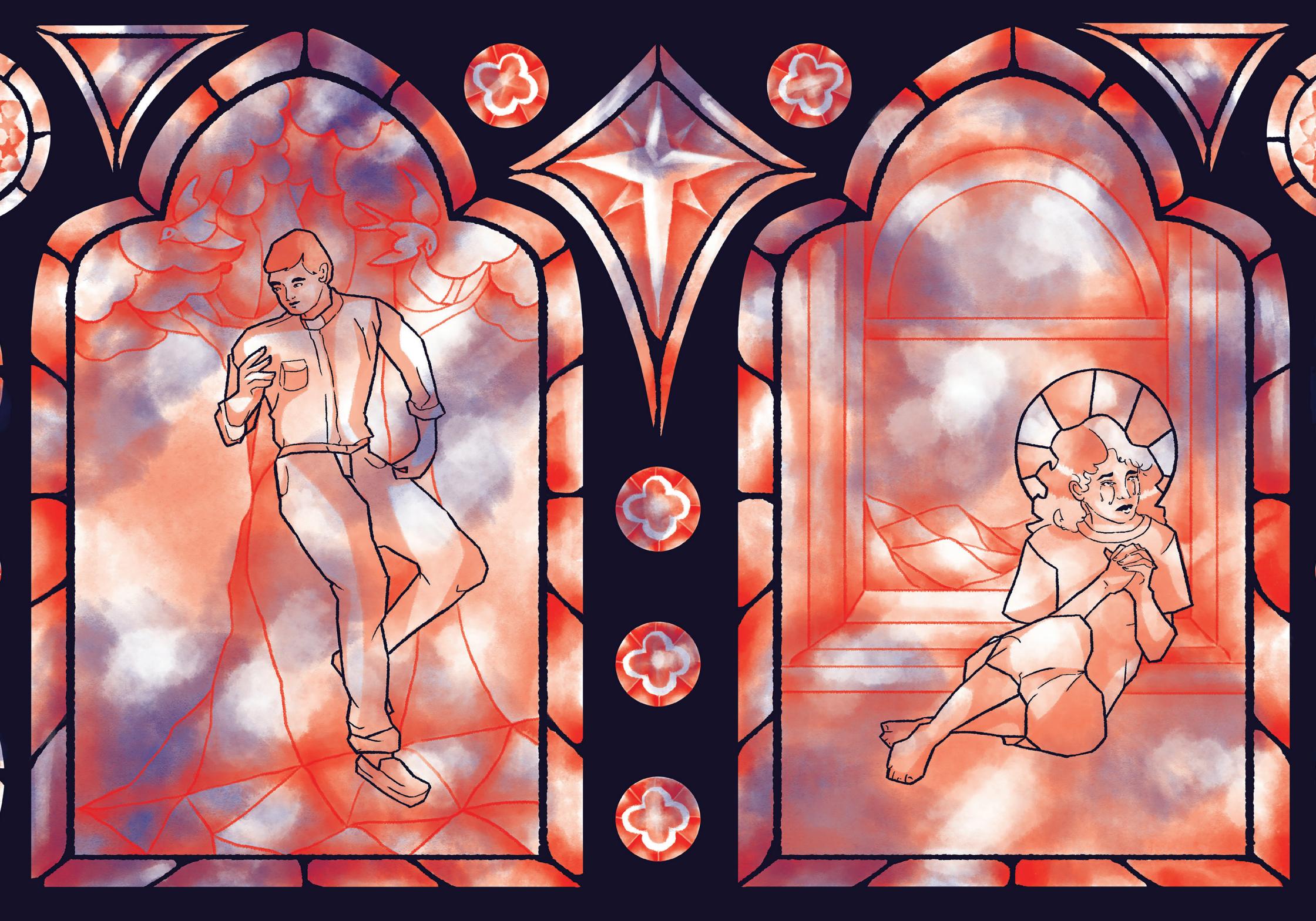
Pero Vaz de Caminha descreve a chegada dos portugueses na “*Carta a El-Rei D. Manuel sobre o Achamento do Brasil*” e inaugura o período literário Quinhentista no Brasil com diversos autores lusitanos, como o autor Gabriel Soares de Sousa que escreve o “*Tratado Descritivo do Brasil*”.



Arte Barroca



Maria Nabuco
Name





Assunção da nossa Senhora, 1812, Mestre Ataíde
Igreja de São Francisco de Assis em Ouro Preto

Exagerado, sentimental e melodramático são atributos característicos do período cujo nome se origina do termo “*balocco*” dado por doutrinários franceses que significa: superlativo de bizarro. Esse movimento artístico literário se inicia na Europa, em meio às mudanças históricas ocorridas entre os séculos XVI e XVII, como a contrarreforma da igreja católica, por exemplo, intensificando as representações dos santos e a quantidade de arabescos.

No Brasil colônia, o barroco chega em 1601 e é vigente até 1768, mesmo importado da Europa o movimento se mistura com as raízes brasileiras e assim nasce o primeiro movimento artístico cultural com produção realmente brasileira. Caracterizado pelo fisionismo, combinando elementos opostos, o cultismo, a linguagem rebuscada, o conceptismo, o uso de antíteses, paradoxos e hipérboles, a visão pessimista da realidade, o feísmo e o teocentrismo.

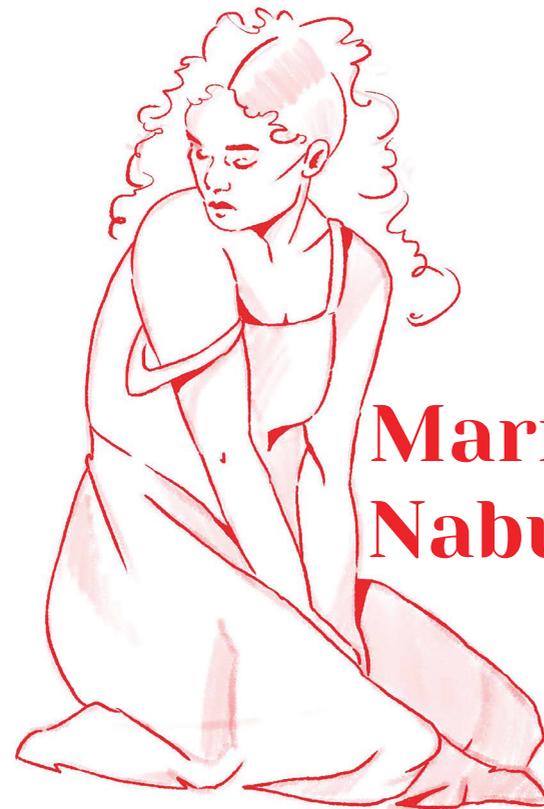
Desperta na Bahia e se espalha por todo litoral nordestino, levado junto da exploração de cana-de-açúcar e concentrado nos principais centros, Salvador e Recife. Seu desenvolvimento acarreta em sua expansão, manifestações barrocas começam a aparecer nas cidades históricas de Minas Gerais, onde nasce um dos maiores artistas brasileiros do período.

“*Aleijadinho*” nasceu em Ouro Preto com o nome de Antônio Francisco Lisboa, mas ganha o apelido por uma doença que o debilita e o faz perder seus dedos, mesmo assim completa seu trabalho amarrando um cinzel e um martelo em suas mãos. Além de “*Aleijadinho*”, o mestre Ataíde, mestre Valentim, Francisco Xavier de Brito e Manuel de Brito e Maestro lobo de mesquita foram artistas de destaque da época.

Também muito importante para a construção da identidade brasileira, são os autores da época, como Bento Teixeira com “*Prosopopeia*”, Padre Antônio Vieira com seus Sermões e Gregório de Matos apelidado por “*Boca do Inferno*”.



Arte Neoclássica



**Marília
Nabuco**



omo é feliz quem já conheceu
as chagas da tristeza,

Quem já suportou a culposa
vergonha,

Quem regozija com o campo e a sua deli-
cadeza,

Quem encontra orgulho por ser dona.

Há muito tempo não preciso rememorar,

Vivíamos a todo momento em escárnio pelo
transcorrido,

Me enfermo ter que Vera Cruz visitar,

Cidade onde conheci um santo ferido.

Deste anjo aprendi o que eram juras de
amor,

Em retribuição tudo de mim doe,

Com este homem abandonei minha família
de dor,

Doação se tornou a família que criei.

Desde então somos pastores amantes,

Minhas filhas colhem rosas e jasmims,

Não falo nunca de lembranças ruins,

Mas alerta sempre contra amores.





neoclássico

Índigena Muxuruna, antes de 1823, Carl Friedrich Philipp von Martius
litografia colorida à mão

O começo do século XIX trouxe grandes transformações para o Brasil colônia, a corte portuguesa chega em solo brasileiro para fugir das invasões Napoleônicas e como consequência modificar todo o modo de vida brasileiro. Com a chegada de d. João e sua corte ao Rio de Janeiro a cidade se torna capital do reino de Portugal, ainda, há a abertura dos portos para as nações amigas, criação de instituições imperiais, como a academia imperial de Belas Artes, e a instauração da missão artística francesa.

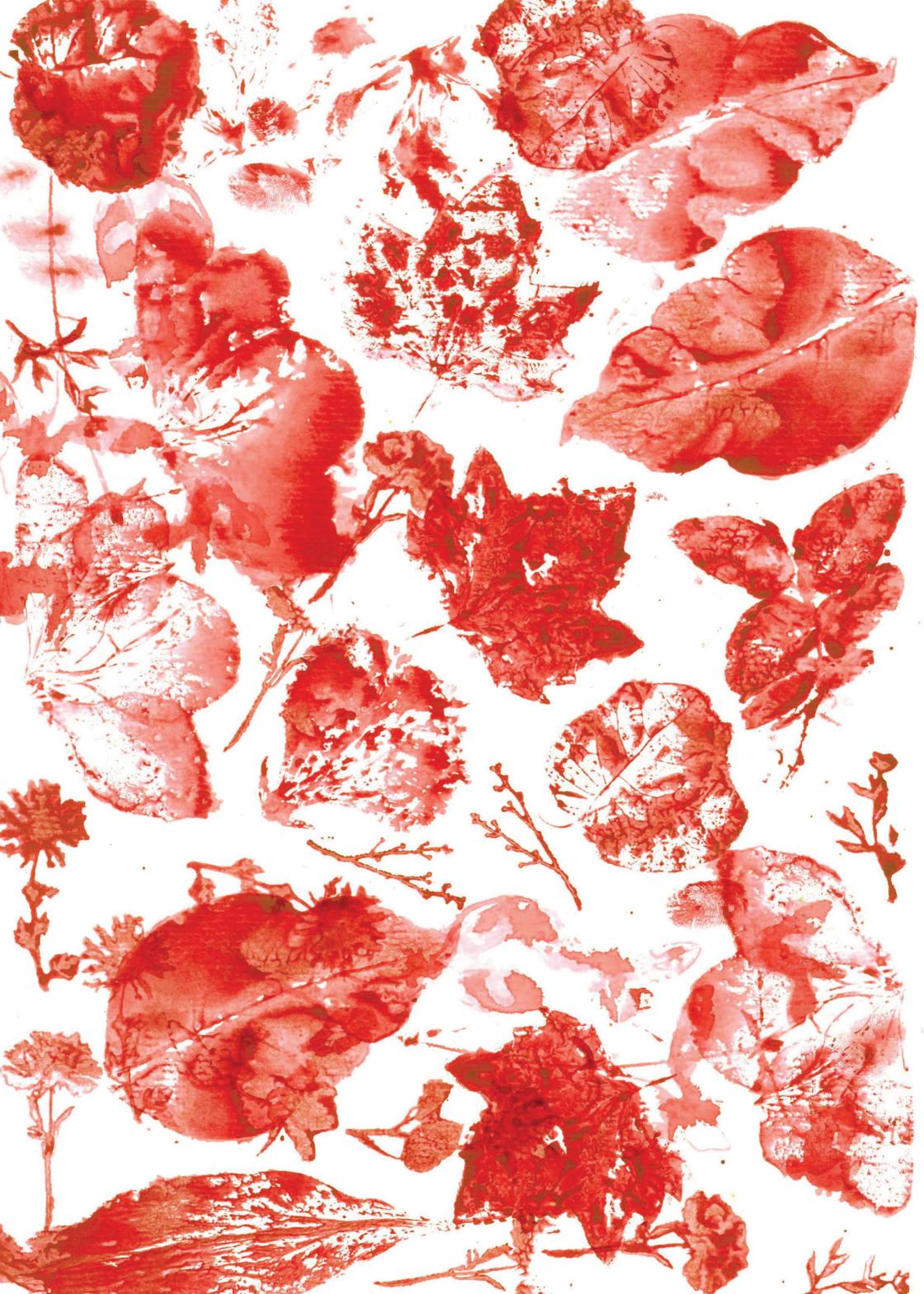
Jean-Baptiste Debret e Nicolas-Antoine Taunay foram pintores franceses que além de representar o cotidiano colonial, também formaram academicamente pintores e arquitetos brasileiros. O Neoclássico é um período marcado pela simplicidade, racionalidade, equilíbrio e clareza, foge do ultrapassado barroco e se volta às referências greco-romanas.

Além das artes plásticas o neoclássico tem destaque na literatura, prevalecendo no estado de Minas Gerais, através do nome de Arcadismo, e assim como nas pinturas, opta pela racionalidade acima do sentimentalismo. Os escritores se inspiraram nos termos *"fugere urbem"*, a fuga das cidades para o campo, e *"inutilia truncat"*, que significa eliminar o inútil.

Outra nacionalidade também escolheu solo brasileiro no período, além dos franceses, vários artistas austríacos vieram para o Brasil, seguindo a imperatriz Leopoldina de origem austríaca, e se inspirando na criação de desenhos com teor científico, catalogaram a fauna e flora brasileira *"exótica"*.



Arte Romantista



**Carolina Marília
Nabuco**



Nossa Carolina vivia no tédio pastoral, mas, em meio ao júbilo da simplicidade, a menina não conseguia deixar de sentir uma leve pontada melancólica e infantil. Sua mãe insistia que ela vivia com a cabeça nas nuvens, mas a verdade é que sua cabeça vivia no transcorrido, nas memórias.

Sabe-se que a vida não pode ser resumida em paixão, mas para almas românticas não se é possível sobreviver sem grandes amores borboleteando por dentro de si.

O maior pavor da menina era ver sua irmã mais nova embebida por uma grande paixão antes dela mesma, Eugênia, a pragmática, sustentava orgulhosa que nunca havia se apaixonado, já Carolina se sentia afundada em padecimento ao imaginar uma vida sem amor.

Certo dia, os pais de Carolina e Eugênia receberam visitas inusitadas, um casal de amigos, que por sua vez, tinha um casal de filhos, uma menina da idade de Eugenia e um menino um ano mais velho que Carolina, todavia, o menino não era um qualquer, era a sombra do primeiro amor que jazia no coração de Carol. Durante o jantar sentaram os jovens ao canto da mesa, com os antigos amantes um ao lado do outro, enquanto todos conversavam em nostálgica celebração, Carolina sentia um nó na garganta, aperto no estômago e peso no peito. Com a face corada e o corpo tenso, ela se surpreendeu ao ouvir quase como um sussurro:

- Me lembro das brincadeiras de quando éramos crianças Carol.

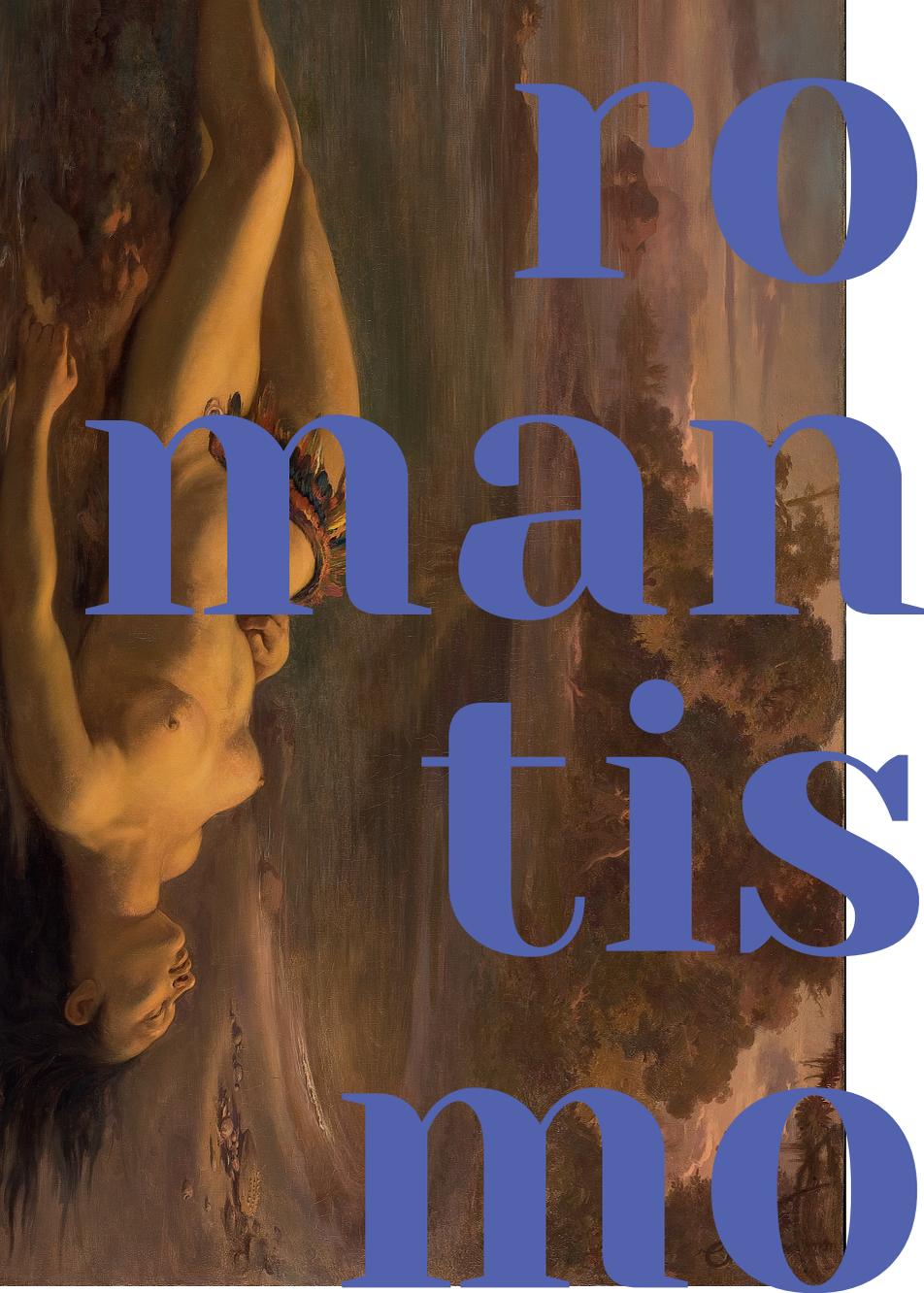
Ao ouvir os cochichos cordiais que para ela eram secretos, sua satisfação confirmou suas expectativas. Porém o que ele lembrava não se comparava com o que Carol cativara. Acontece que o menino lembrava de ter conhecido Carolina, de brincarem quando crianças, mas não se lembrava do amor declarado na época, não lembrava da promessa pueril caso se reencontrassem.

Carolina, ao ficar a sós com a companheira fraternal, contou tudo para sua irmã, incluindo a fala mal interpretada no jantar, Eugênia, mesmo não sendo sentimental, foi induzida pela paixão da irmã.

No dia seguinte a casa foi dominada por um telefone sem fio, Eugênia com um segredo alheio, confessou a sua nova amiga como seus irmãos teriam uma paixão antiga, a menina agora convencida da história de amor, se dirigiu aos pais, que por sua vez foram consultar o filho, que por fim não entendeu metade da história.

Para a sorte ou azar de Carol, o garoto da nossa história adorava o que era conveniente, ao ouvir a história de seu próprio amor, não se importou se era verídica, concordou que um casório seria a alternativa mais sensata para a situação e assim o fez, mal imaginava Carolina que seu eterno e ardente amor era um homem tão acomodado. Ao final da aventura, por tanto tempo imaginada, quando Carolina descansou após o matrimônio e à despedida familiar, ela se sentiu pronta pela chegada de sua felicidade plena, mas neste momento a ultrarromântica percebeu que com todos seus anseios concretizados conheceria o mais profundo tédio, agora não poderia escapar em deliciosas lembranças fabricadas.





ro man tis mo

Moema, 1866, Victor Meirelles
Óleo sobre tela, 130 x 196,5 x 3 cm

A partir da independência brasileira, a autonomia artística e concepção de identidade começam a ser ansiadas, deixando de lado o academicismo monárquico e dando continuidade às transformações causadas pela vinda da corte. Neste contexto, surge o movimento artístico conhecido por romantismo.

Em 1836 Gonçalves Magalhães lança o livro *“Suspiros Poéticos e Saudades”* marcando oficialmente o início do Romantismo, dividido na literatura em três gerações, 1º com temática histórica e indianista; 2º com sentimentos exacerbados, chamado como ultra romântica ou geração *“Mal do Século”*, com poemas melancólicos, pessimistas e sentimentalistas; e a 3º geração inspirada em outras correntes, com textos críticos socialmente.

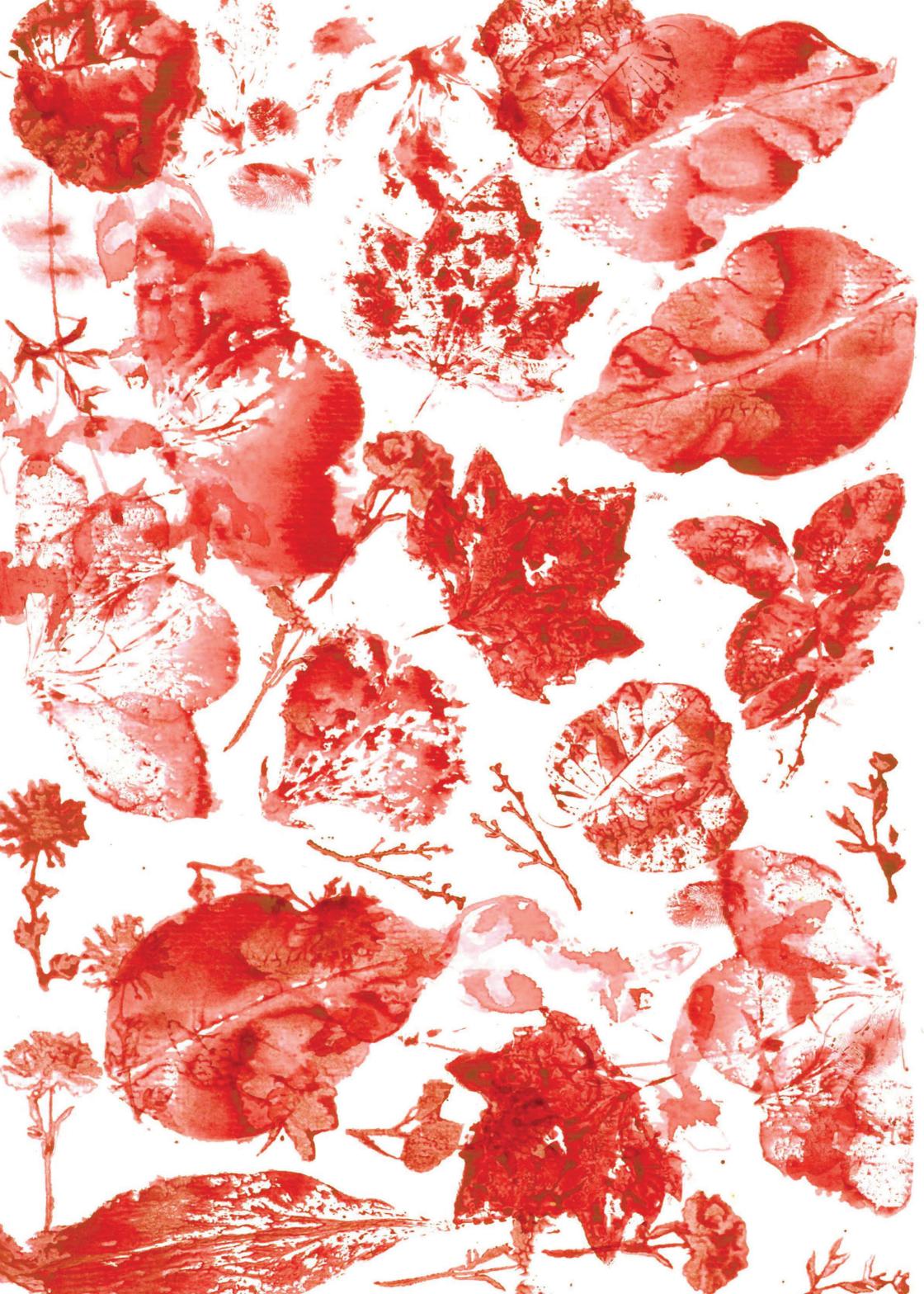
Nas áreas de pintura, escultura e arquitetura referências brasileiras entram em voga, a geografia do país, os aspectos sociais e a própria história, inspiram obras patrióticas, caracterizadas por heróis indígenas e o país como paraíso ou utopia.

Outra importante característica do movimento foram os sentimentos ligados à natureza, valorizando justamente o que era intrínseco ao Brasil, com necessidade de registrar e immortalizar cenas históricas da cultura nacional, reforçando o novo sentimento de nacionalidade e patriotismo recente.

Artistas da época que merecem ser mencionados são Rodolfo Amoedo, Manuel de Araújo, Victor Meirelles, Henrique Bernardelli e José Maria de Medeiros.



Arte Realista



**Marília Eugênia
Nabuco**



Descansaria em paz se esse conto póstumo e melancólico interessasse herdeiras Ramajo, se minhas ponderações, agora feitas em vão, advertissem sobre os males do amor, mas agora, quem resta desfrutar de minhas histórias são as minhocas que me voltam ao pó.

Dói lembrar como tudo se sucedeu, como eu vim parar aqui, enterrada no fim do mundo, onde ninguém nunca vai fazer o favor de visitar minha lápide. Caso não tivéssemos recebido notícias da até então, falecida em vida família de minha mãe, um parente pedindo ajuda por enfermidade, hoje a matrona está viva e olhe onde estou, que forte doença essa.

Tantos “e se”s inconsequentes, quando mamãe me enviou de volta à cidade fantasma, em vez de Carolina casada, me senti em um romance literário, uma jovem ingênua Eugênia ajudando a família carente. Quando cheguei na cidade depois de uma longa viagem, julguei a aldeia encantadora, mas não ao ponto de ficar eternamente.

Várias casinhas coloridas decoravam as ruas de chão batido, observei uma botica, um banco e, na praça, como é de se esperar, uma igrejinha, parecia tudo esquecido.

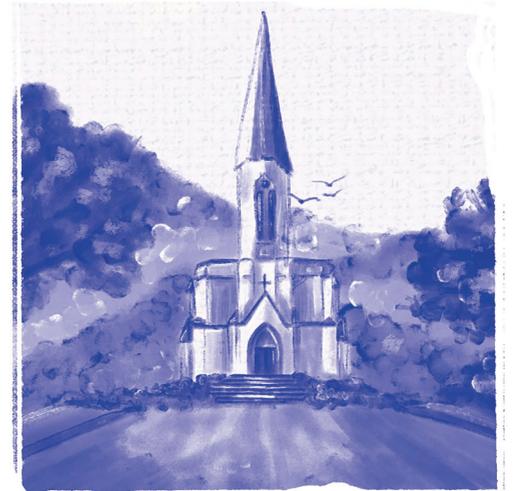
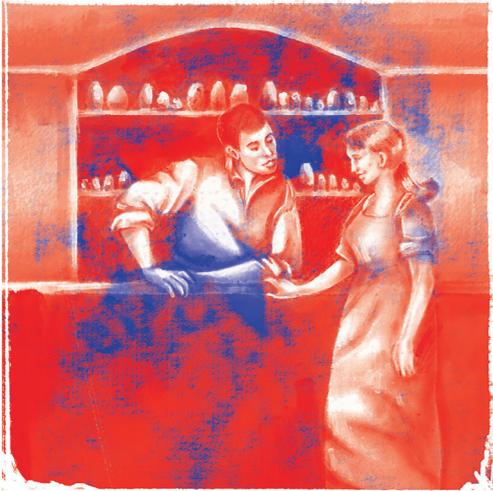
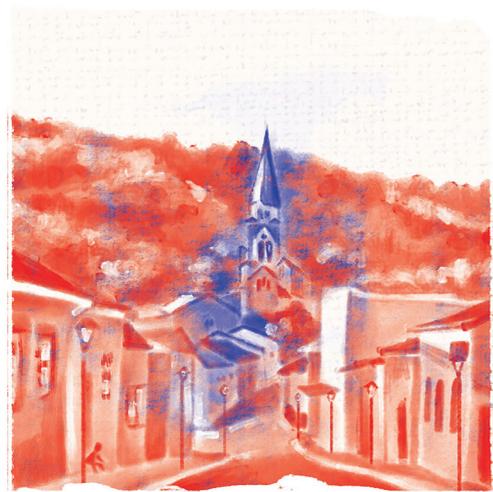
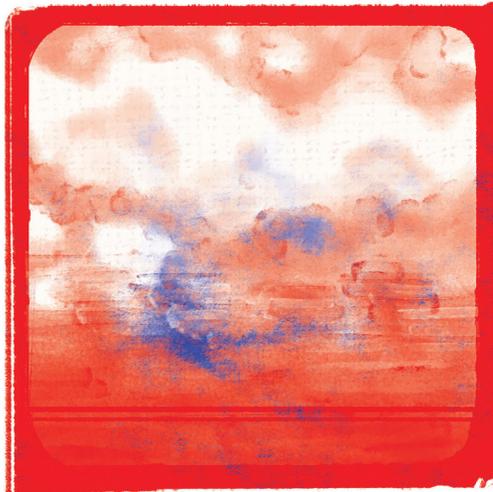
Encontrei minha tia com seu hábito de freira, uma senhora que combinava com a igreja, com sua estatura baixa e um pouco corcunda, também parecia esquecível, por mais melancólica que a paisagem parecesse, a senhora aparentava mais feliz que minha própria mãe, me abraçou com carinho e um sorriso caridoso.

Ao passar dos dias percebi que a doença contraída pela senhora parecia mais com carência, eu ajudava pela casinha e confirmava se ela tinha tomado seu remédio e seu chá milagroso, mas com o caminhar das semanas entendi que estava na cidade para fazer companhia.

Logo no primeiro mês, visitei o boticário para buscar ervas e foi aí que minha ingenuidade conheceu seu futuro, em forma de homem esse futuro já tinha presente.

No segundo mês, esse futuro já não se importava muito mais com seu passado, tenho vergonha de admitir, mesmo que ninguém me ouça, que o homem era casado e com um filho poucos anos mais jovem que eu. A culpa me consumia, eu lembrava dos avisos de minha mãe sobre amor nesta cidade, confessei tudo para minha tia que me aconselhou romper a relação de uma vez.

Comovida pelos conselhos sagrados, na mesma hora disparei para o boticário, ao avistar a casinha, também vi o homem acariciando os cabelos de outra ingênua. Pior que meu coração partido, senti meu orgulho destruído, disse que ia contar tudo para sua família, o dissimulado me acompanhou de volta a igreja, tentou me convencer enquanto subíamos os degraus para a torre do sino. Ao ouvir suas palavras persuasivas como badaladas em repetição senti que me tornaria uma senhora sozinha e carente em uma igreja esquecida por Deus de uma cidade esquecida por todos, olhei a cidade de cima da torre e senti o último convencimento em forma de empurrão.





Dia de Verão, 1926, Georgina de Albuquerque
Óleo sobre tela, 89 x 130 cm

Floreios já não são mais desejados na Europa durante a metade do século XIX, ao invés surge a corrente artística realista, que faz sua estreia em solo brasileiro por volta de 1881, uma década cheia de ebulição social. Em 13 de maio de 1888, a escravidão é abolida e em 15 de novembro de 1889, a república é proclamada, com ideais positivistas. A partir daí, o contexto nacional se transforma. Instituições monárquicas são fechadas, como a academia de Belas Artes, acarretando na abertura de ateliês independentes, logo a arte muda de foco, em vez de valorizar a imagem do país, as artes se concentram no cotidiano brasileiro.

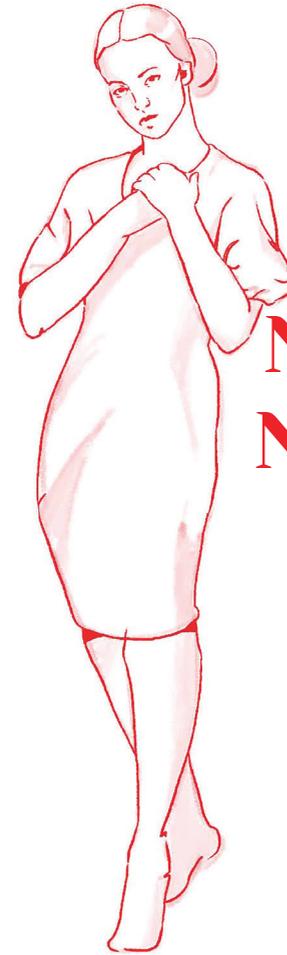
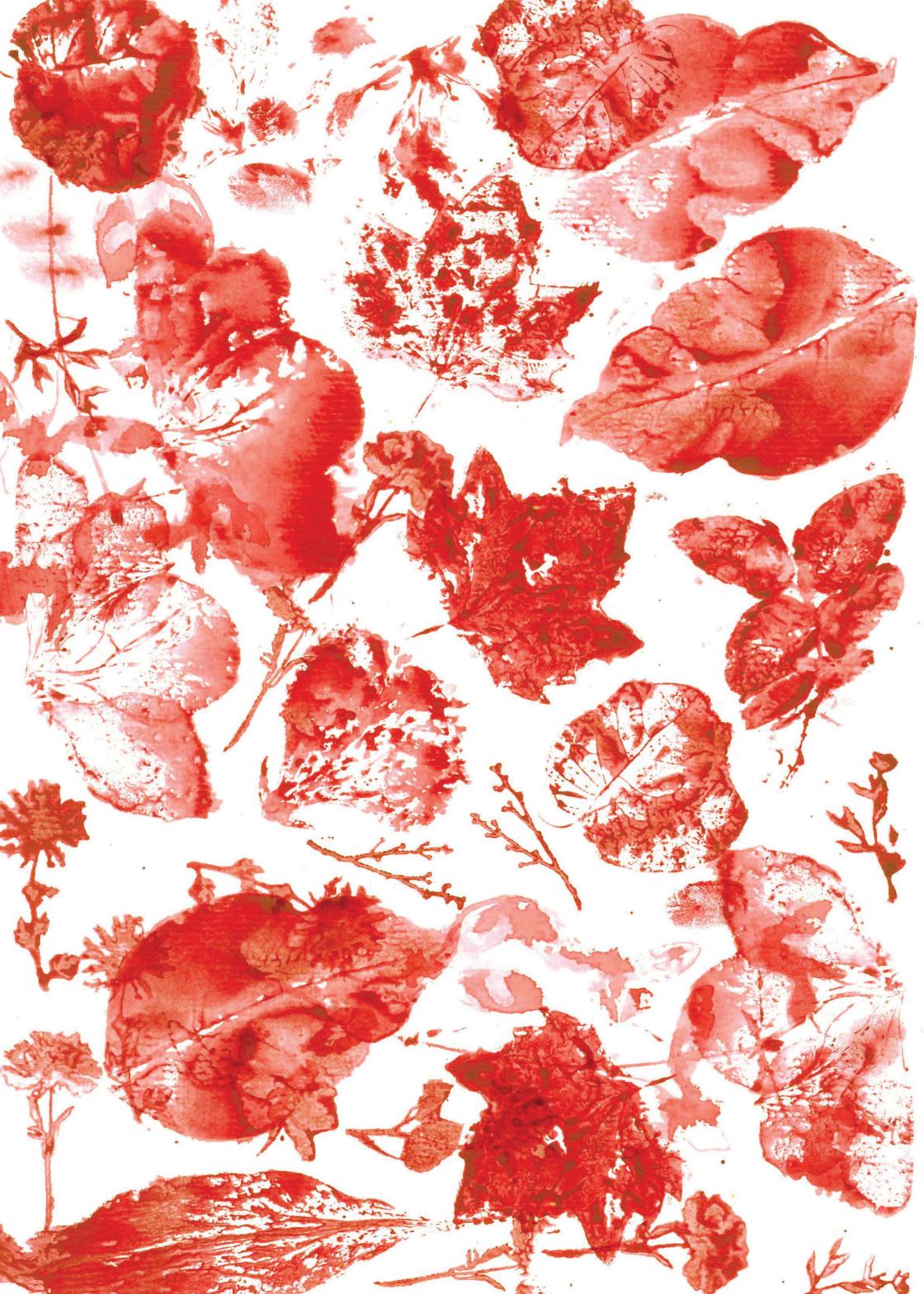
Temáticas intimistas eram o interesse do realismo e, dessa forma, muitas realidades que ainda não haviam sido retratadas no Brasil começaram a entrar no ambiente artístico, como representações do interior com temáticas “caipiras”.

Artistas plásticos realistas importantes são: Benedito Calixto, José Pancetti, Almeida Júnior, Pedro Américo, Georgina Albuquerque, Eliseu Visconti, Belmiro de Almeida e Antônio Parreiras. Outras características do movimento são sua objetividade, a rejeição de temas metafísicos como mitologia e religiosidade, a representação da realidade imediata e não imaginada, a politização e a presença de denúncias sociais.

Alguns dos maiores autores brasileiros também se desenvolveram no período, Machado de Assis, autor de “Dom Casmurro” e Aluísio de Azevedo, escritor de “O Cortiço”, são realistas literários críticos que usaram o cotidiano urbano humano para expor desigualdades.



Arte Modernista I



Naiane
Nabuco

Vera Cruz, 17/02/1922,

Querida Lilia,

Não sou capaz de imaginar o desespero que você e nossa família devem ter sentido quando descobriram que eu parti.

Mas aqui lhe confidencio os porquês de minha partida e lhe peço que não dê ouvido às más línguas.

Minha amada irmã, creio que você vai me entender, pois lembra o quanto questionávamos nossa mãe sobre a família de vovó, como sonhávamos com histórias da antiga igreja e tínhamos pesadelos com a magia de Vera Cruz. Meu nome vem desse lugar, eu precisava conhecer essa cidade enraizada com nossa identidade.

Só imagino o que vocês podem estar ouvindo, e não posso lhe negar que algumas histórias mal intencionadas são verdadeiras, mas você me conhece, você lembra como eu sempre gostei de brincar com os meninos da rua. Não nego se alguém associar histórias de me embarrigar, mas nego que esse foi o motivo da minha partida.

Também te garanto que nesta minha viagem em busca do nosso verdadeiro ser encontrei só divertidos casos, conheci a verdadeira selva de pedra e vi costumes que deixam minhas brincadeiras parecendo as de crianças, conheci uma nova religião, uma crença que dizem ser ancestral, mas que parece as superstições da vó. Tudo que descobri não caberia nesta carta, aqui quero lhe garantir que estou bem, lhe assegurar que consegui o que eu queria.

Assim que cheguei na cidade avistei a igreja, atrás dela encontrei o cemitério e neste local de despedida saudei e agradei o túmulo de Marília Eugênia, nossa tia que me guiou até aqui, como ela deve estar feliz por ter outra Ramajo nessa cidade sagrada.

Enfim, espero sua visita ansiosa, vou me estabelecer o mais rápido possível, afinal em breve teremos mais um membro na família, te afirmo que me contentei com a vida nessa antiga e charmosa cidade, não pretendo voltar para Santa Luzia, mas insisto que me visitem.

Com o coração apertado de saudade me despeço,

Ansiosa pelo nosso reencontro,

Naiane.





A Negra, 1923, Tarsila do Amaral
Óleo sobre tela, 100,00 cm x 80,00 cm

Antes de abordar o maior marco modernista brasileiro, a Semana de 22, as origens deste grande evento midiático devem ser entendidas, afinal, o modernismo não se resume a uma semana entre 13 e 17 de fevereiro de 1922. Sem manifestos europeus, como o futurismo, o expressionismo, o cubismo, o dadaísmo e o surrealismo, talvez o modernismo brasileiro nunca teria acontecido, haja vista que, artistas como Anita Malfatti traziam exposições vanguardistas para o Brasil previamente a semana de 22.

E, assim, em meio ao centenário da independência, o começo da industrialização e o fim da Primeira Guerra Mundial, acontece um dos maiores eventos culturais na história do Brasil no Theatro Municipal de São Paulo. Como uma resposta ao momento social acontece a semana de arte moderna, com apresentações de dança, música, teatro, poesia, exposições de pinturas e esculturas, palestras, etc, artistas como Oswald e Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Alcantara Machado, Ronald de Carvalho, Plínio Salgado, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Guilherme de Almeida e Menotti del Picchia marcaram essa primeira geração.

A outra resposta veio em forma de repercussão negativa ao evento, com histórias hoje pertencentes ao imaginário brasileiro. Mesmo assim, se analisado é possível questionar como a organização do evento foi elitista com diversos artistas vanguardistas descendentes das oligarquias cafeeiras de São Paulo.

Apesar de críticas e elogios o movimento é importantíssimo para arte brasileira e para mulheres artistas, que conquistam espaço neste movimento.

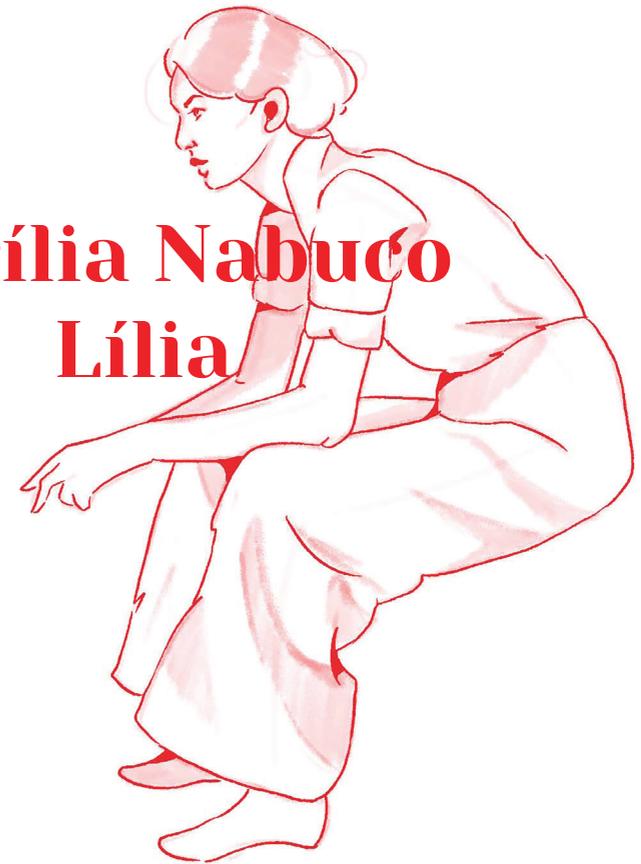
Caracterizado pela releitura crítica de símbolos nacionais, a liberdade criativa, o antiacademicismo, a liberdade formal, a ironia, a proximidade de fala e escrita, a releitura do passado histórico, o regionalismo e o nacionalismo crítico.



**Arte
Modernista II**



Marília Nabuco
Lília



Triunfo, 04/04/1935,

Prezada Naiane,

Começo essa carta me desculpando por não ter retornado nenhuma de suas correspondências ao longo dos anos, nossa mãe me contou sobre sua nova vida, e sei que ela lhe contou sobre a minha. Desculpo-me também, por não te visitar em Vera Cruz, mas creio que você entende o ressentimento cultivado após sua partida inesperada.

Mesmo pressupondo que você saiba detalhes da minha vida por palavras de nossa mãe, ainda sinto necessidade de contar o que aconteceu por minha própria voz.

Lembro daquela primeira carta que me endereçou logo quando você chegou à Vera Cruz, você narrou sua jornada, e aqui, quero fazer o mesmo.

Não tenho divertidos casos para contar, mas levo uma vida honesta e satisfeita na cidade de Triunfo, me mudei para cá há cerca de cinco anos, às vezes penso que vim para essa cidade justamente por você ter fugido para uma semi aldeia. Quando éramos jovens eu admirava a maneira como você via o mundo, como se tudo fosse sonho, mas depois da sua partida percebi que para mim Vera Cruz era uma ilusão.

No final das contas optei pela praticidade da modernização e na minha opinião, Triunfo me cai bem.

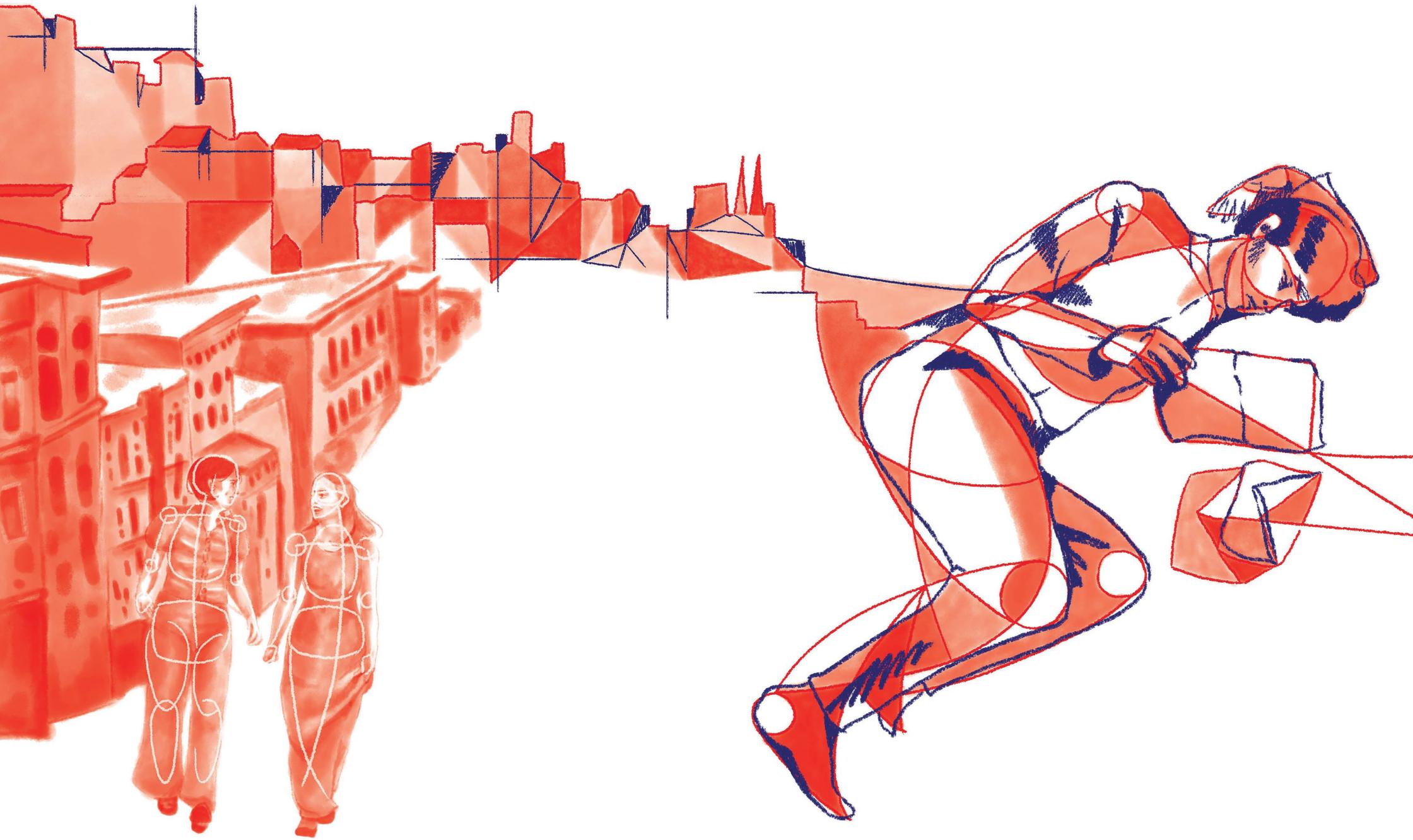
Nossos pais, tenho certeza que não concordam tanto com minha opinião, dúvida que estejam felizes com a filha solteira, sem filhos e sem “pretensões”, nossa mãe sempre foi tão romântica afinal. Mas, se um dia você precisar de tempo da sua fantasia

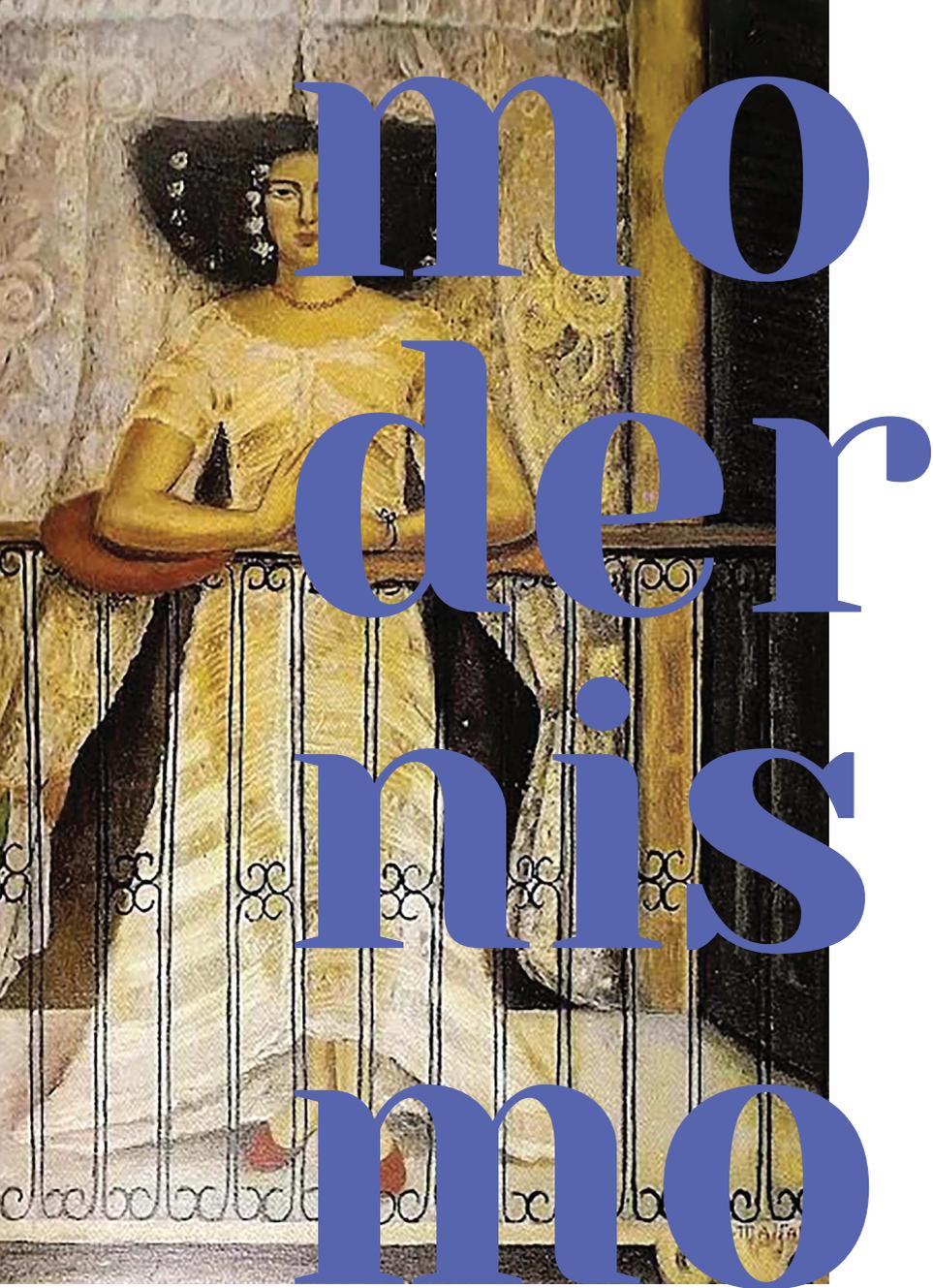
pode vir me visitar na minha, te convido aqui, pois gostaria de ser convidada por você novamente.

Não peço que você se desculpe, porque não sei se conseguiria perdoar dores que já viraram cicatrizes, ainda não entendo suas escolhas, mas acho que só vemos o mundo de maneiras diferentes. Aqui, imploro que me desculpe por meus ressentimentos e peço que volte a ser minha irmã. Sinto falta de seus olhos e de seus sonhos.

Ansiosa por nosso reencontro,

Marília.





Mulher do Pará no Balcão, 1927, Anita Malfatti
Óleo sobre tela, 80 cm x 65 cm

Uma revolução, um presidente destituído e uma posse por eleição impedida, é como a década de 30 no Brasil começa. Junto da Era Vargas e dos movimentos artísticos contidos, a segunda geração modernista durou quinze anos, igual à era política, de 1930 até 1945, e assim como na política, foi marcada por repressão, violência e censura.

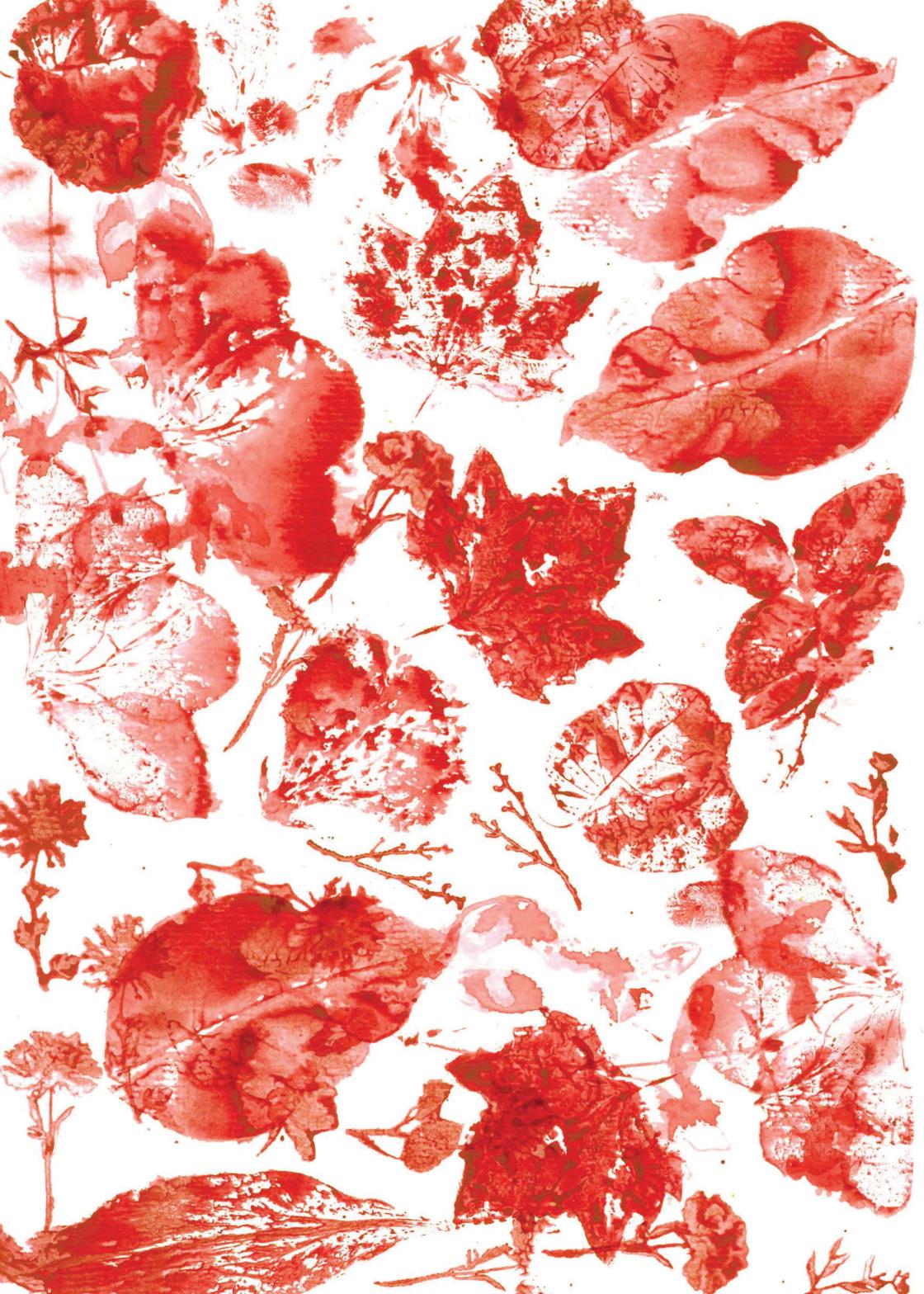
Em meio a duas revoluções em apenas dois anos, a Segunda Guerra Mundial, o nascimento de ditaduras fascistas na Europa e a instauração de um regime autoritário no Brasil, artistas tiveram que se adaptar ou fugir do país com medo da nova Lei de Segurança Nacional, que cassava a oposição e apoiadores de esquerda.

Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes, Cecília Meireles, Jorge de Lima, Murilo Mendes, Heitor Villa-Lobos, Victor Brecheret, Zina Aita, Di Cavalcanti e Vicente do Rego Monteiro foram alguns exemplos que representaram o mundo contemporâneo, através do existencialismo, do conflito espiritual, de influências sociopolíticas e da liberdade formal para criar em meio a um Brasil estagnado.

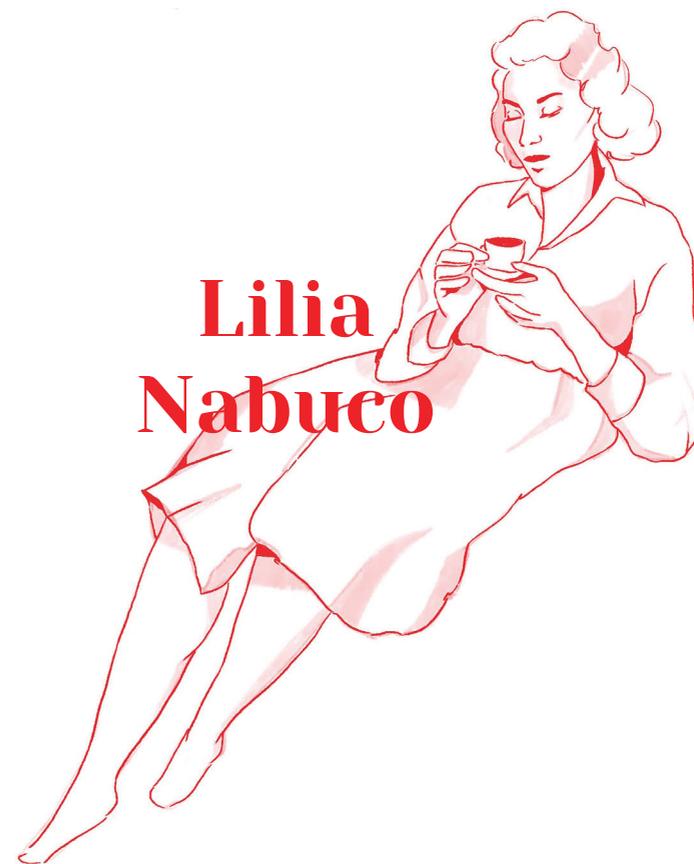
Ao mesmo tempo surge o “romance de 30” na literatura, retomando o regionalismo de forma realista e com engajamento político, livros que traziam enredos dinâmicos com linguagem simples, conquistaram leitores e se consagraram como clássicos atemporais, um exemplo é “*Vidas Secas*” de Graciliano Ramos.



Arte Abstrata



**Lilia
Nabuco**



“O que é que se consegue quando se fica feliz?”¹

Enquanto Clarice e Joana passeavam pelo meio dos pensamentos de Lilia, Lilia viajava. Viajava em Clarice, viajava em Joana, viajava em Naiane e em Maria, Lilia viajava em família.

Por entre seu espírito desordenado feito selva, pensamentos vivam harmoniosamente em um ecossistema de confusão. Lembranças da despedida com a irmã eram atropeladas pelas passagens de seu livro, mas o que insistia em manter vigia sob seus pensamentos eram as palavras de sua mãe, cheias de carinho, preocupação e culpa.

“Porque insisto em evocar a despedida com minha mãe? Só sigo o exemplo que ela e minha tia sempre me deram, independência do seio familiar”.

Lilia repetia jocosamente consigo mesma, “seio familiar”, o seio dividido de uma mãe chorona e covarde, covarde pois nunca conseguiu se despedir quando foi sua vez de deixar sua mãe e irmã, agora chegará para ela esse momento irônico e sentia orgulho da coragem de Lilia, que olhou nos seus olhos de mãe e partiu decidida a conhecer o outro lado do mundo, mais longe possível do peito dividido.

Apesar de todo orgulho materno, Lilia era assombrada por premonições “você é igual a sua mãe”. Cheia de meias certezas, a menina de 25 anos refletia sobre sua mãe, irmã e tia, mulheres tão diferentes, a primeira igual borboleta, a segunda igual a lagarta e a terceira como casulo, ainda havia tanto para acontecer nesta família de primavera.

Sua cabeça não se contentava com as paisagens da janela no trem, com a conversação dos estranhos em suas línguas estranhas, com os cheiros de suor e maresia, com a sensação do chacoalhar nos ares, nem com o gosto de noite mal dormida, toda essa sinestesia aguçava mais a mente da menina-garota-mulher. “Tenho ansiedade pelo ontem, pelas lembranças com Maria, mas minha saudade é reservada para minha jornada, que lembrarei ansiosamente”.

E como um estalo de loucura, esse raciocínio desorganizado de Lilia clareou os céus de seu espírito, tudo fez sentido mais uma vez, ela novamente era feliz.

1 *“O que é que se consegue quando se fica feliz?”*, fala retirada da personagem Joana do livro de Clarice Lispector *“Perto do Coração Selvagem”*.





abs tra to

Sem título, 1981, Fayga Ostrower
gravura, 64 cm x 45 cm

Influenciado pelo abstracionismo estrangeiro começam os anos de 1940 no Brasil, com artistas pioneiros da técnica como, Abraham Palatnik, Manabu Mabe e Luiz Sacilotto, inspirados por obras do artista russo Wassily Kandinsky.

Apesar dessas influências, a concretização do movimento se deu com a criação da primeira bienal de artes em 1951, esquecendo o academicismo e a arte clássica e começando a desenvolver novas formas de fazer arte, sem o intuito de imitar a realidade.

A experimentação de novas técnicas, o uso de cores vivas, a reconstrução de formas e a rejeição da perspectiva tradicional tridimensional ligada à realidade são as principais características da abstração. Mas no contexto nacional também são abordados temas mais intimistas, como o onírico e os devaneios dos artistas.

Antônio Bandeira descreve suas obras como “*recordações da realidade visível*”, como se representasse lembranças rememoradas e não o que realmente havia visto ou acontecido. Outros nomes de evidência são Ivan Serpa, Iberê Camargo, Waldemar Cordeiro, Hélio Oiticica, Alfredo Volpi, Cândido Portinari, Tomie Ohtake, Maria Martins, Fayga Ostrower e Iberê Camargo.

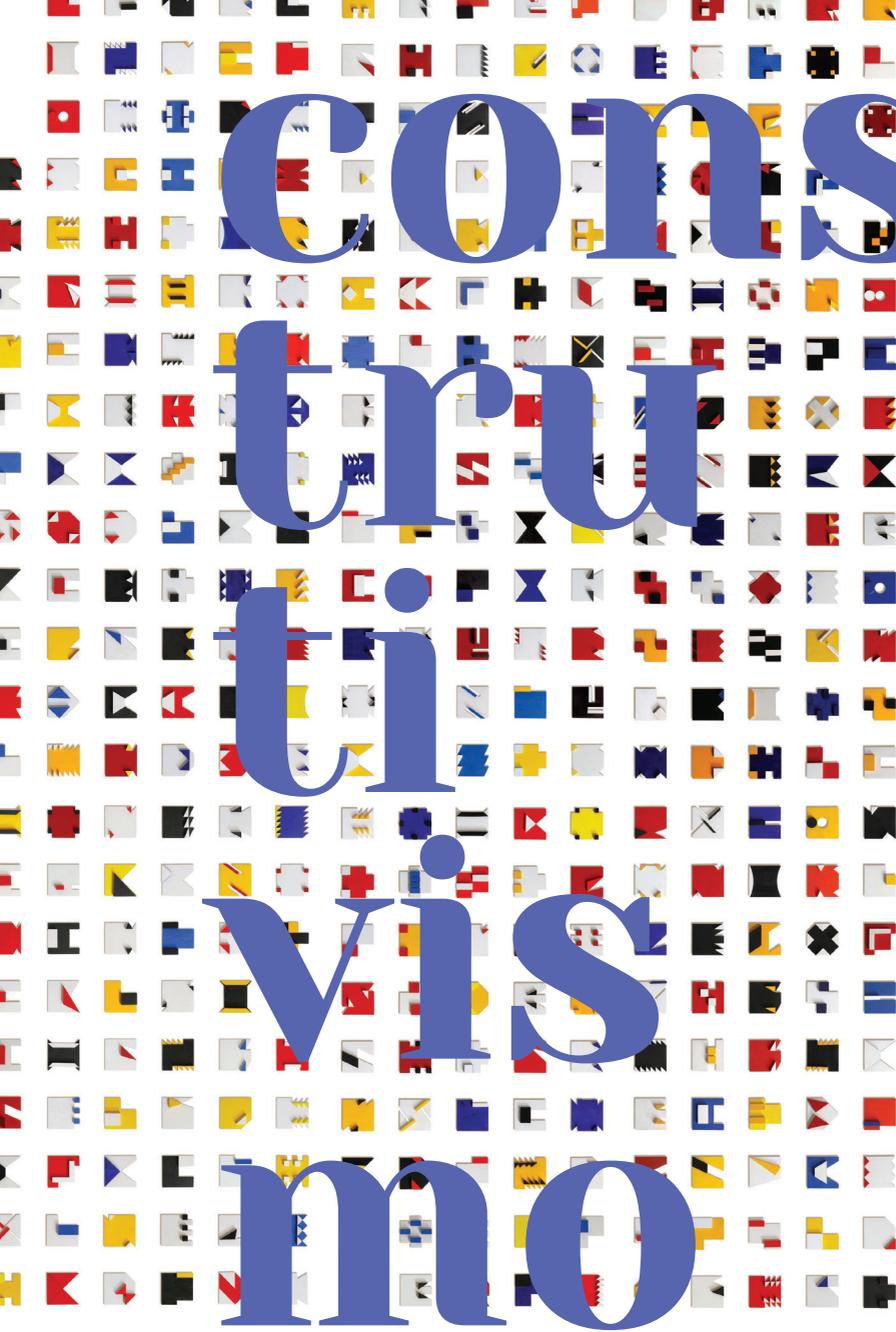
De forma natural o movimento se diversifica e influencia artistas de outros manifestos como o construtivismo, o neo construtivismo, o concretismo e mais à frente daria frutos na contracultura.

Arte Construtivista





**Maria
Nabuco**



cons tru ti vis mo

Livro do Tempo, 1961-1963, Lygia Pape

A década de 50 no Brasil pode ser resumida como caótica, Vargas volta ao governo pela segunda vez, suicida-se, a guerra fria se inicia, acontece a inauguração da TV Tupi, surge a Bossa Nova e por sua vez surge o Construtivismo.

O movimento foi influenciado pelo expressionismo europeu e por obras dos anos 20 da artista Tarsila do Amaral, com estruturas neo cubistas, formas geométricas, tendências art déco, acrescidas de bases tropicais, também chamadas de “*primitivistas*”.

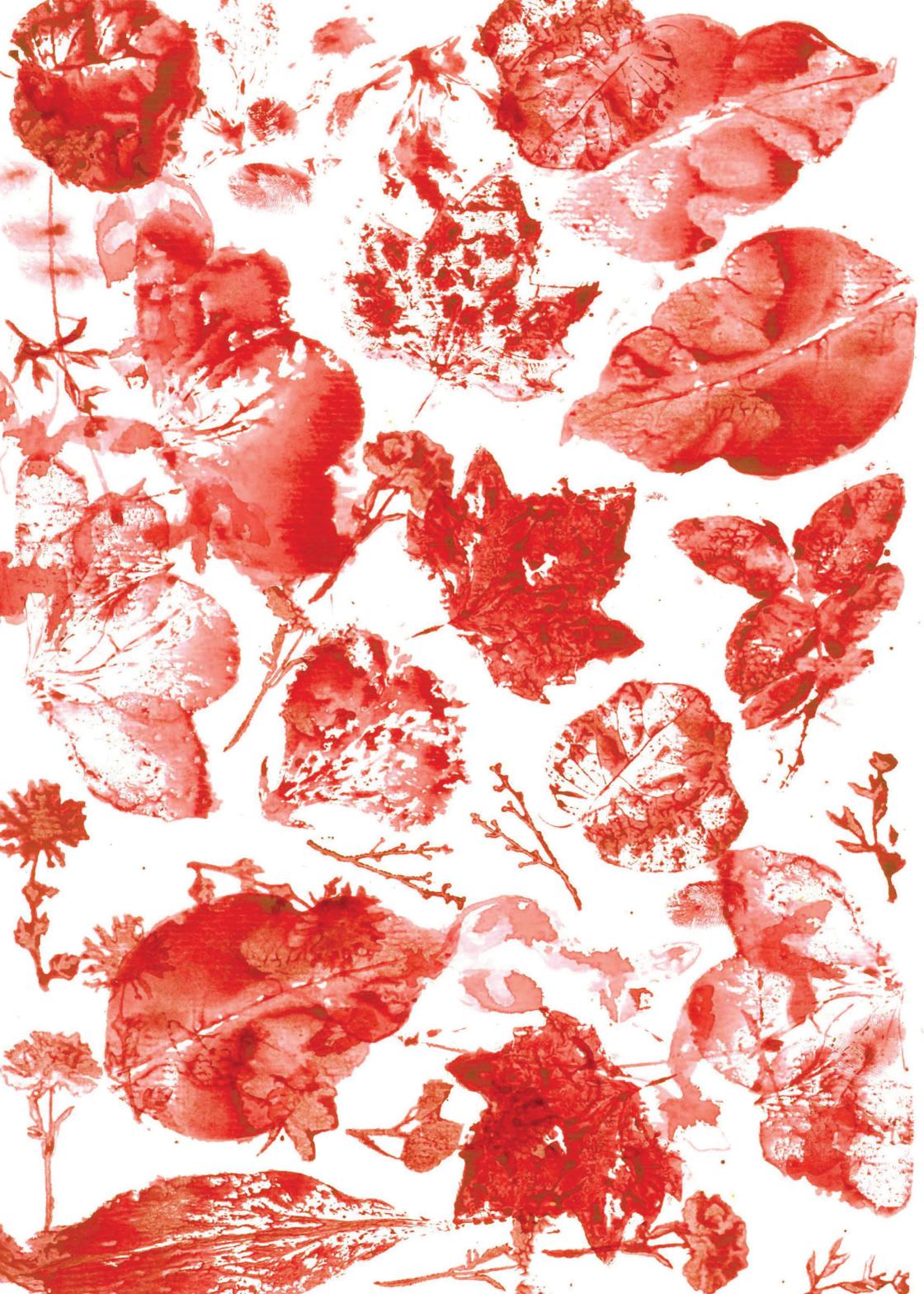
Dando continuidade às bases do abstracionismo, o movimento é caracterizado pela geometrização de objetos, paisagens, personagens e tudo que seria representado, pelo rompimento com a arte clássica, tradicional e acadêmica, pela utilização de outros suportes, como colagens e objetos de uso corriqueiro, feitos de madeira, plástico, ferro, vidro, arame.

Lygia Clark, Aluísio Carvão, Lygia Pape, Charoux, Geraldo de Barros, Fejer, Leopold Haar, Sacilotto e Anatol Wladyslaw foram alguns dos principais artistas construtivistas do período.

Outras ramificações do movimento aconteceram na literatura. Entre 1953 e 1956, o grupo Noigandres desenvolve textos de poesia concreta, e a fundação do grupo Frente dos Construtivistas no Rio de Janeiro acontece em 1954, sob a liderança de Ivan Serpa.



Arte Urbana



Mariah Nabuco



Filhas do mundo,
de chocadeira,
sem pai e com meia mãe,
juntas até os treze anos,
respeito é pra quem tem,
agora ela ta livre,
e a gente também.

A barriga veio três vezes,
Uma era mais que suficiente,
quanto drama,
quem pede para nascer?

Vida de mãe nunca foi pra ela,
levantou, andou e se mandou,
de viagem em viagem,
promessa em promessa,
esperança é a última que morre,
esperando pelo tempo bom.

Meninas sem mãe,
detidas em diários,
mandadas por carta,
desconhecidas por papél,
brasileiras por hora,
Vera Cruzenses?

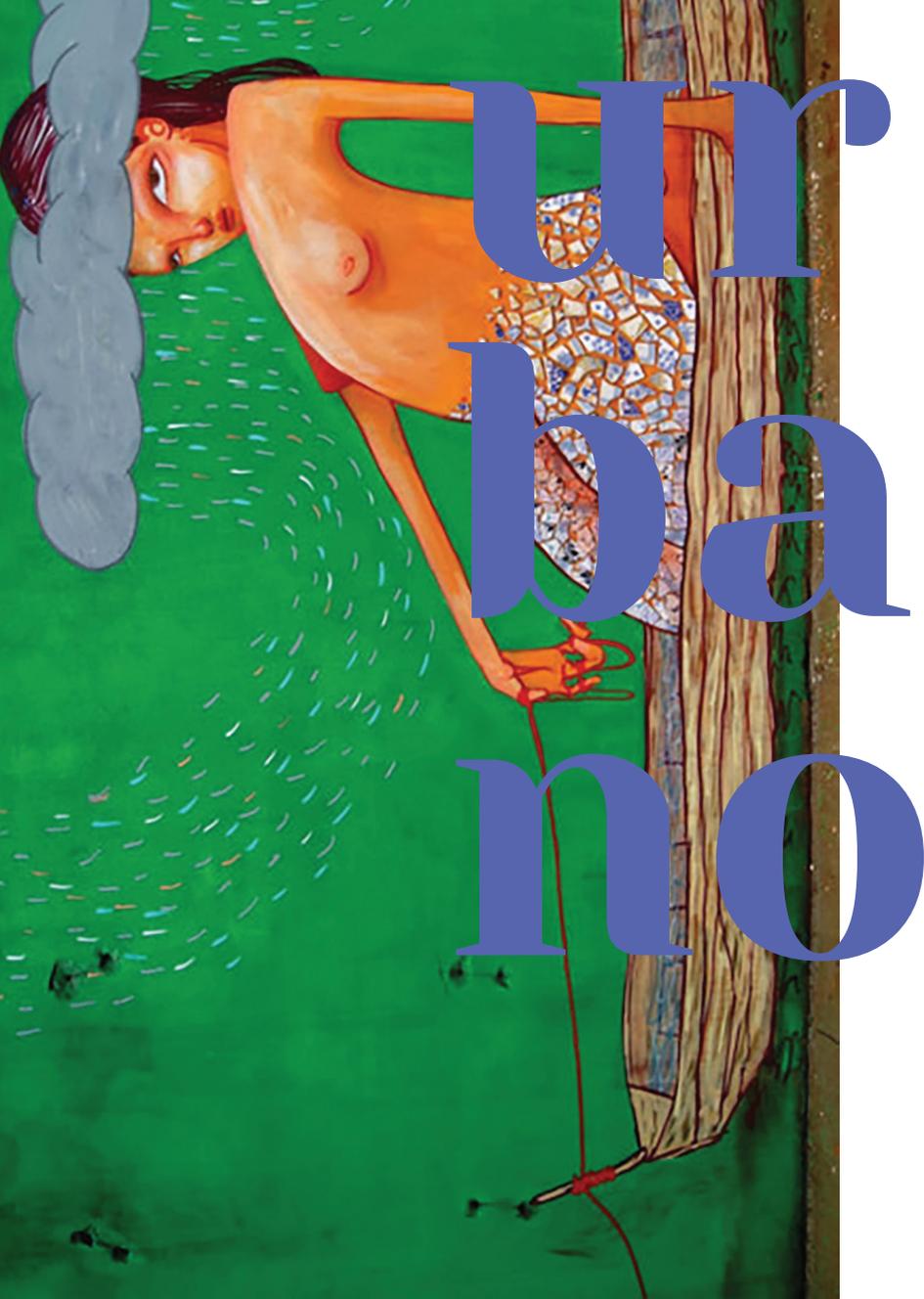
Sem mãe,
com tia, prima, vó,
com família,
ou em uma espiral de ilusão,
a esperança ainda não morreu.

Para matar o tempo,
conhecer o verso brasileiro,
uma família maior que três meninas,
escuto uma trilha sonora feminina.

*“A mulher pode modificar um homem
Ou afundar, cada vez mais se quiser, e vice-versa,
certo?
Muitas perderam a liberdade, a dignidade, por
amor
O principal fator uma réu confessa”¹*

1 Dina Di e Negra Li “ A noiva do Thock”





Mural de Mag Magrela

Desde o começo da humanidade manifestações de arte pública existem, arte de rua sempre esteve presente na sociedade. Já na pré-história existia a necessidade de se expressar, então por qual razão quando manifestações culturais saem dos museus e param em muros, há tanto incômodo?

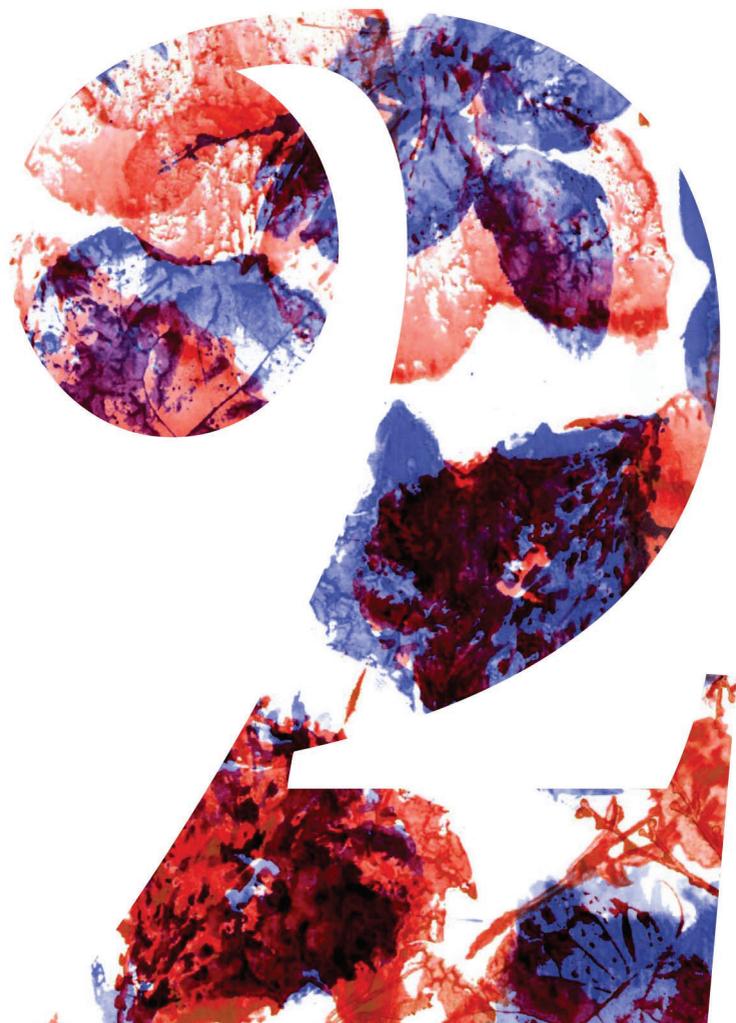
Manifestações artísticas urbanas tem sua origem em movimentos culturais da década de 60 no continente europeu. Na próxima década migram para os Estados Unidos, incorporando o nome de “Street Art” e na década de 80, com o final da ditadura militar, começam a aparecer no Brasil.

Alex Vallauri ficou conhecido como o precursor do grafite no país, após voltar de Buenos Aires em 1964 ele colore o porto de Santos com figuras femininas.

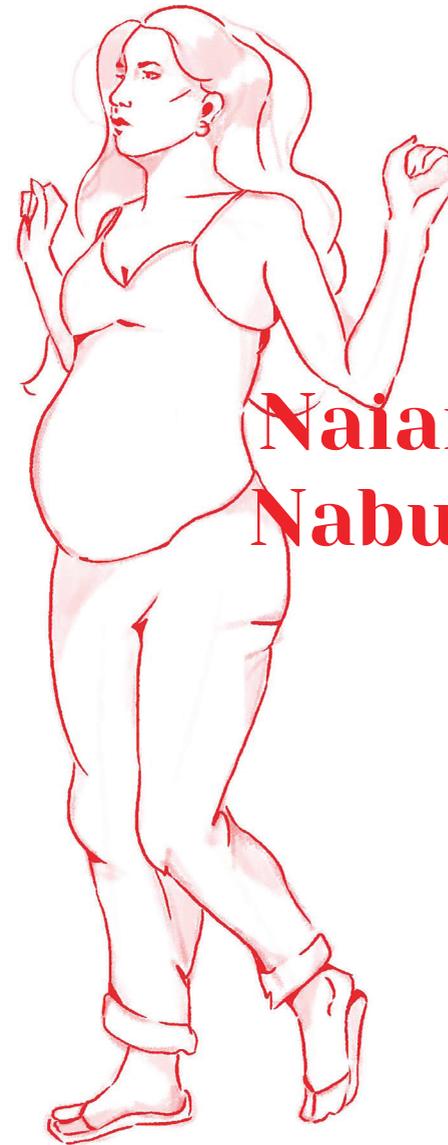
Como forma de manifestação e protesto popular este movimento se populariza nacionalmente. Neste contexto grafite, lambe-lambe e stencil seriam cada vez mais utilizados como forma de arte fora de galerias e museus. Lygia Lee e Lou Dedubiani, Andre Mogle, Eduardo Kobra, Os Gemeos, Nina Pandolfo, Binho Ribeiro, Mag Magrela e Paulo Ito são mundialmente conhecidos pelo seu trabalho nas ruas brasileiras.

Com a globalização, hoje artistas que se manifestam no ambiente urbano usam referências cada vez mais pessoais, expressando seu estilo próprio.

Porém existem características gerais do movimento que unem trabalhos de diferentes artistas, efemeridade, dinamismo, reflexão sobre o espaço público, independência do artista, anonimato e o legado de críticas sociais são algumas dessas características.



Arte Contemporânea



**Naiane
Nabuco**



Desenhos da Liberdade, 2019, Ayrson Heráclito
Desenho em nanquim sobre carta de alforria, 30 x 42

con tem po rã neo

“Podem me prender, podem me bater, podem até deixar-me sem comer, que eu não mudo de opinião.”

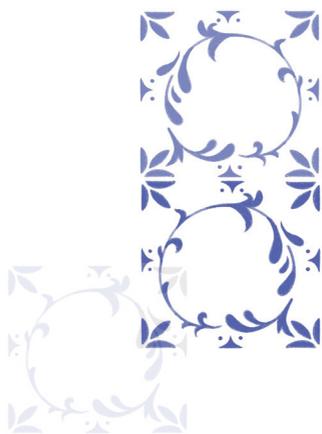
Os versos da canção “Opinião” de Nara Leão reverberaram no teatro Arena do Rio de Janeiro em 1965, na primeira grande manifestação cultural depois do golpe de 64, nomeando esse evento de “Opinião 65” e dando início a movimentos coletivos de contracultura e de arte contemporânea que semearam frutos até hoje.

Esse momento cultural olhou tanto para artistas brasileiros em ascensão, quanto artistas estrangeiros do “novo realismo”. A partir dessa mescla surge um jeito inédito de ver arte, opondo-se ao movimento abstrato e se apoiando em referências de vanguardas internacionais como o “pop art” e a “nova figuração”. A proposta convidava o público a fazer parte da obra, tornando-a coletiva, implicando na troca de protagonismo, de objeto para observador.

Em 1970, a arte contemporânea cria suas raízes, com novas formas de mídia como performance, vídeo e fotografia, valorizando inovações tecnológicas. A “Geração de 80” foram artistas contemporâneos que passaram pelo final do regime militar e pelo movimento Diretas Já, e eles foram caracterizados pelo uso de materiais não usuais em sua produção, como cera, lã e parafina, por cima de telas abstratas. Os anos 90 e 2000 foram marcados pelo uso da crítica social na arte e de cada vez mais experimentações.

Os artistas que mais se destacaram foram Gonçalo Ivo, Saint Clair Cemin, Ernesto Neto, Fernanda Quinderé, Cildo Meireles, Antonio Dias, Carlos Vergara, Rubens Gerchman, Antonio Manuel, Claudio Tozzi, Nelson Leirner e Carlos Zilio.





O que sobra quando tudo se vai.

O que fica quando eu já não estou.

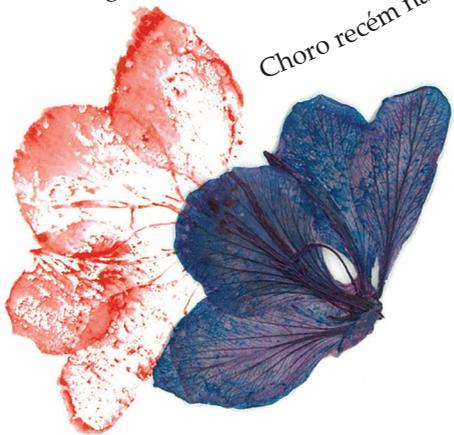
No fim, nada nunca acabou.





O grito da morte, um suspiro de mulher.

Choro recém nascido, riso para tudo o que vier.



A partir desta seção, não tem mais história para contar.

Mas a história nunca se encerra, o que será criado daqui para frente, o que se transformará em movimentos, o que vamos apoiar ou lutar contra, e como vamos criar e contar histórias será nosso legado.

O futuro é fruto de tudo que já aconteceu, todos os movimentos abordados neste livro impactam na vida e na arte do hoje e do amanhã. As ações culturais e sócio-políticas mudam nosso cotidiano e moldam os modos de viver e de ver a vida, logo moldam como criamos, não só como artistas, mas também como todos criamos a história.

Milhares de artistas produzem arte todos os dias, como serão chamados esses movimentos ainda não se sabe.

O agora será para criar, conhecer ou entender novas histórias, por isso deixo menção honrosa a algumas artistas brasileiras contemporâneas muito mais que merecedoras: Leonora de Barros, Beatriz Milhazes, Sandra Cinto, Adriana Varejão, Rosana Paulino, Rivane Neuenschwander, Daiara Tukano, Flávia Junqueira, Rosângela Rennó, Lucia Koch e muitas outras.



Cronologia

22 de abril de 1500
Chegada dos Portugueses no litoral Sul da Bahia.

1500
Período artístico colonial que dura até 1822, quando o país se torna independente.

1601
Ainda no Brasil colônia, começa o período barroco no país.

1800
Começo do período neoclássico, o país colônia recebe a corte portuguesa.

7 de setembro de 1822
Independência do Brasil.

1836
Com o lançamento do livro “Suspiros Poéticos e Saudades”, inicia o romantismo.

1881
Começo do período realista no Brasil.

13 de maio de 1888
Abolição da escravatura.

15 de novembro de 1889
Proclamação da república.

13 de fevereiro de 1922
Começo da semana de arte moderna, ou semana de 22.

17 de fevereiro de 1922
Final da semana de arte moderna.

1500
Conto sobre a vida da indígena Naia.

1500
Conto sobre Maria Naiane e a passagem de várias gerações em um período tão extenso.

1601
Conto de Maria ou Nane.

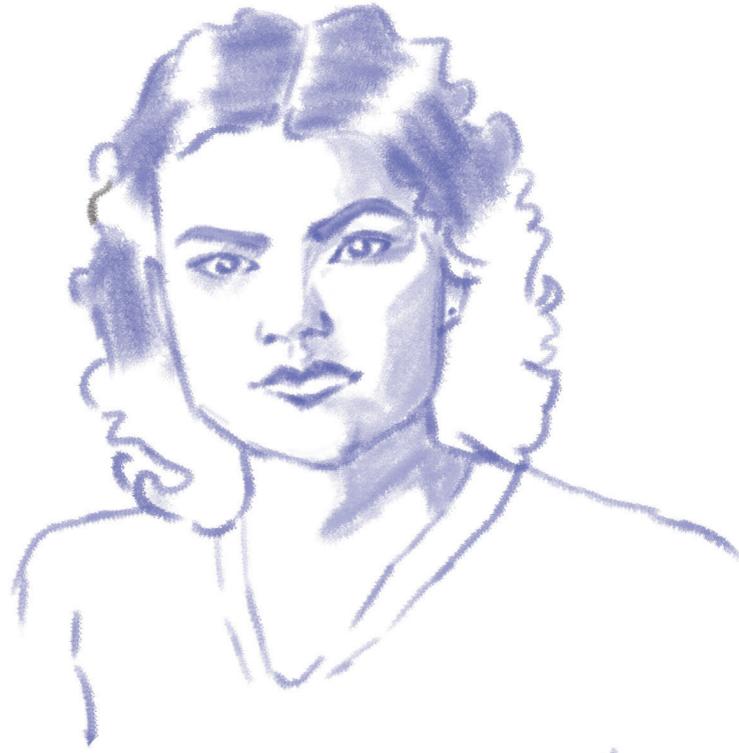
1800
Conto sobre Marília e a saída de uma Nabuco de Vera Cruz para Santa Luzia.

1836
Conto acerca de Carolina Marília, inspirado no livro de 1844 “A moreninha”.

1881
Conto de Marília Eugênia, inspirado em “Memórias Póstumas de Brás Cubas”.

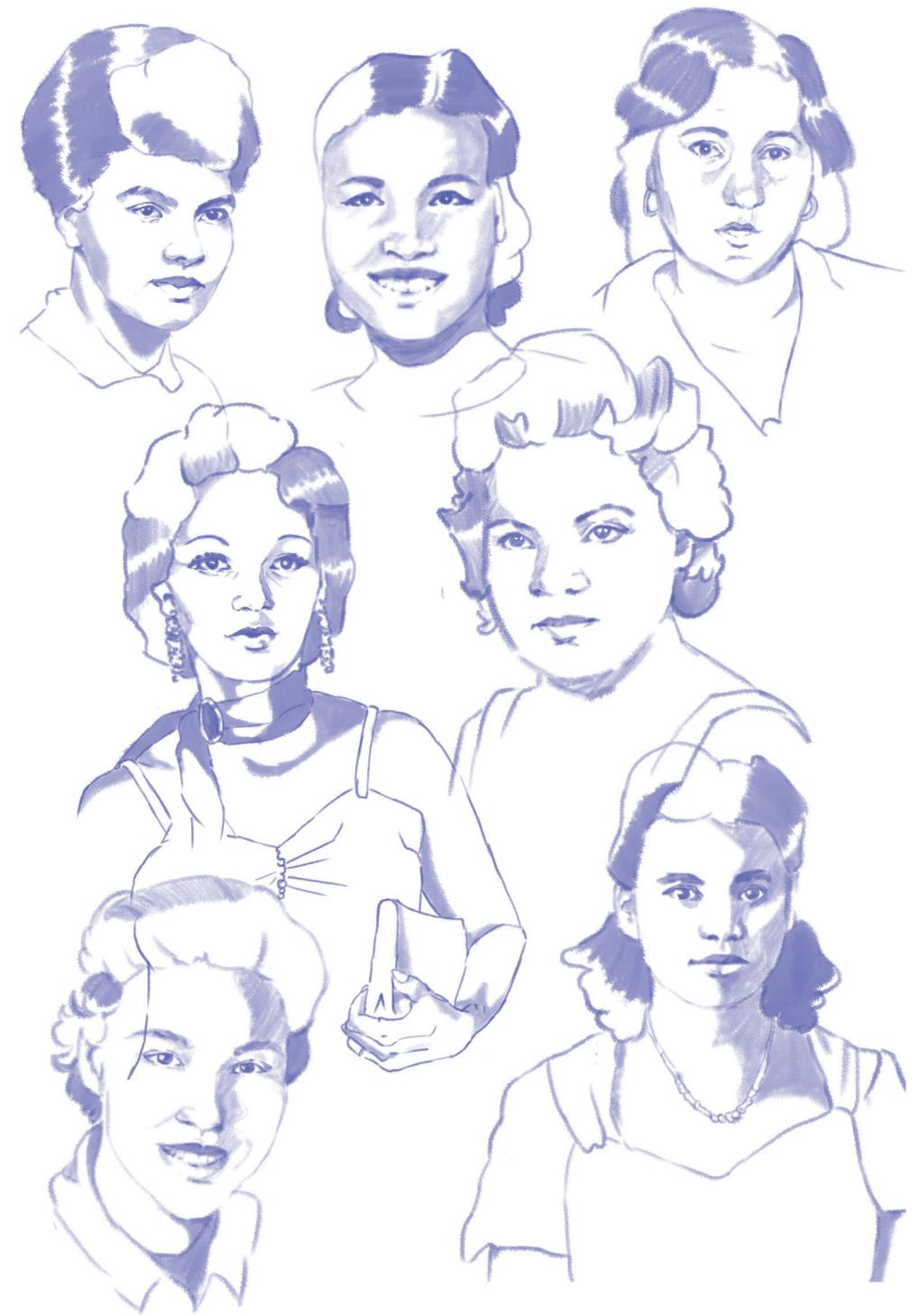
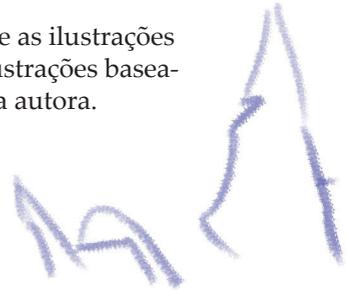
17 de fevereiro de 1922
Carta de Naiane para Lilia, sobre a volta para Vera Cruz.

1930 Junto da revolução de 30 começa a segunda geração modernista no Brasil.	1930 Marília deixa Santa Luzia e vai para a cidade de Triunfo.	1980 Começo de manifestações de arte de rua no Brasil.	1980 Conto sobre Naia, Marília e Mariah, dizem ser descendentes de Lilia.
4 de abril de 1935 Promulgação da Lei de Segurança Nacional no Brasil, aumentando a repressão no país.	4 de abril de 1935 Carta de Marília para Naiane depois de tantos anos.	1984 Exposição “Como vai você, Geração 80?”.	1984 Nascimento de Naiane
1940 Começo do período abstrato no Brasil.	1940 Conto sobre a partida de Lilia de Vera Cruz.	15 de março de 1985 Final da ditadura militar no Brasil.	
29 de outubro de 1945 O fim do Estado Novo.		1985 Primeira eleição civil no Brasil	
1950 Getúlio volta à presidência e o movimento construtivista começa.		1993 Criação do plano Real	
9 de dezembro de 1952 Exposição Ruptura que marca o início oficial da arte concreta no	1952 Conto sobre Maria, inspirado na poesia concreta desenvolvida na época.	2002 Eleição do presidente Lula	
1954 Suicídio de Getúlio Vargas.		2020 Início da pandemia de Covid no mundo	
1959 Manifesto Neoconcreto		2022 Centenário da semana de arte moderna no Brasil	2022 Final da nossa história
31 de março de 1964 Golpe militar no Brasil.			
1965 Evento “opinião 65” dá início ao movimento contemporâneo no Brasil.			
1967 III Festival de Música Popular da TV Record marca o começo do tropicalismo.			



Extras

Primeiro foi elaborado o estilo base que as ilustrações seguiriam, dessa forma foram feitas ilustrações baseadas em fotos de mulheres da família da autora.

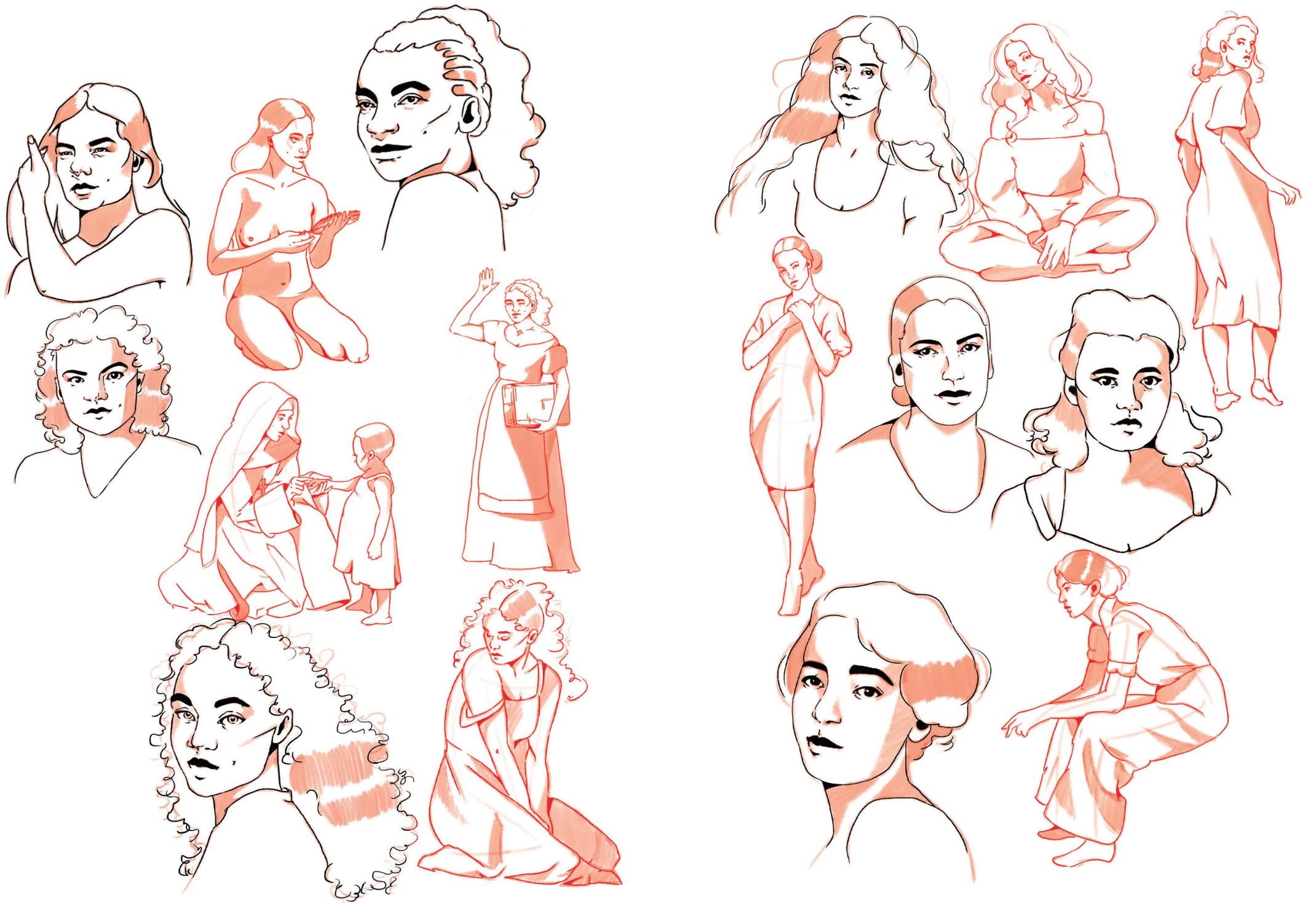


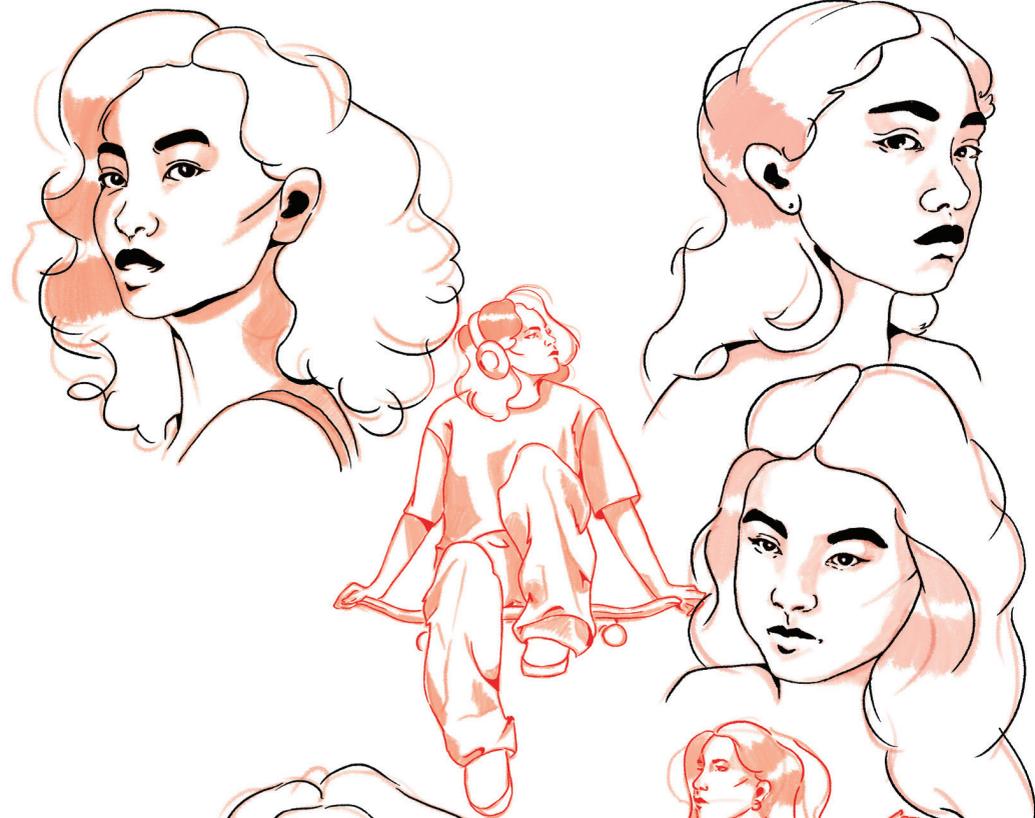


Após a criação dos primeiros desenhos, os mesmos foram refinados e a linha de *Line Art* foi adicionada.

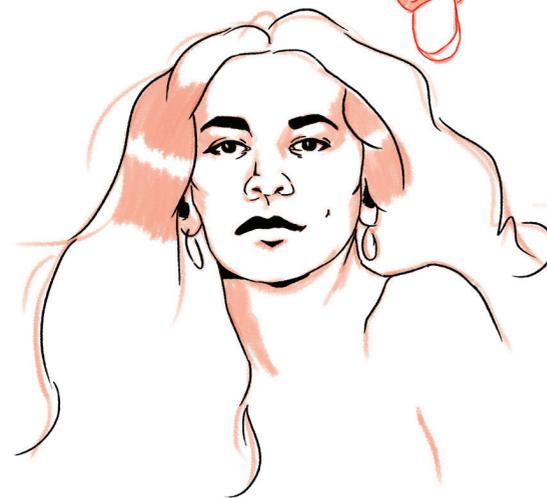
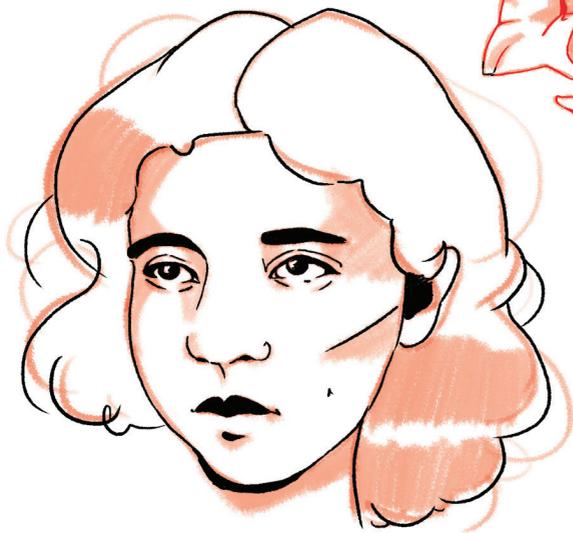
Decidido o estilo, foram feitas ilustrações para cada personagem que irá aparecer durante o livro, com um busto e uma pose de referência.

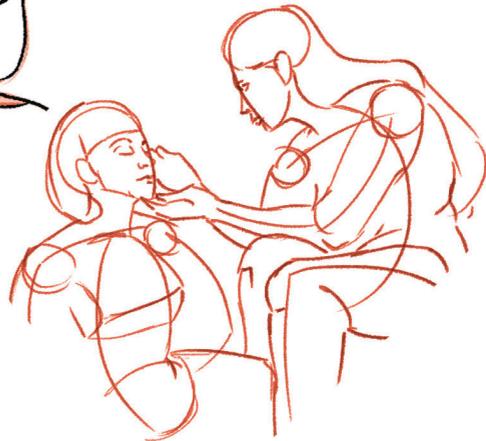




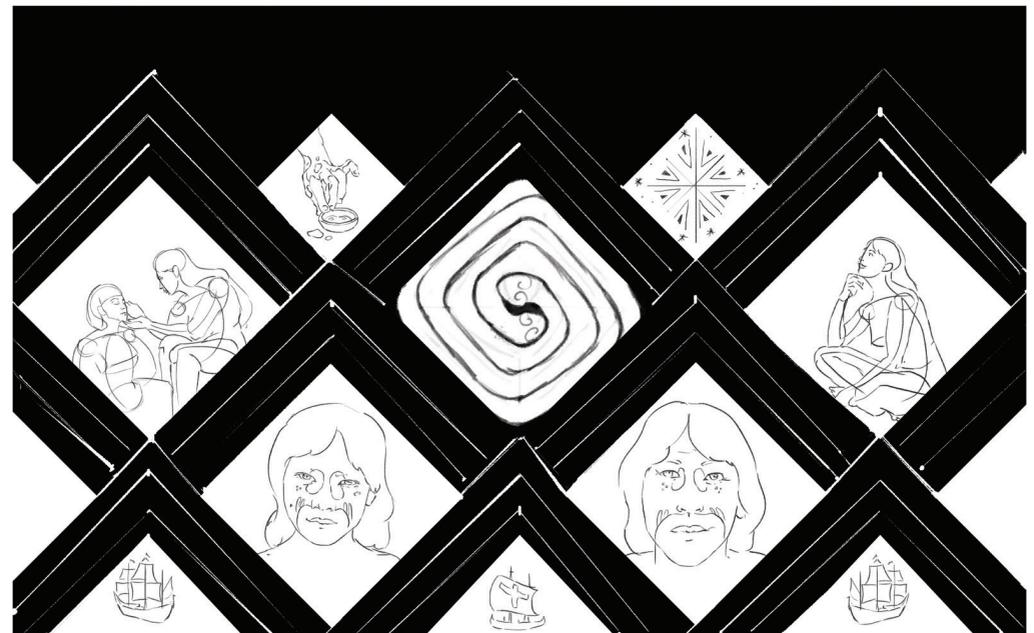
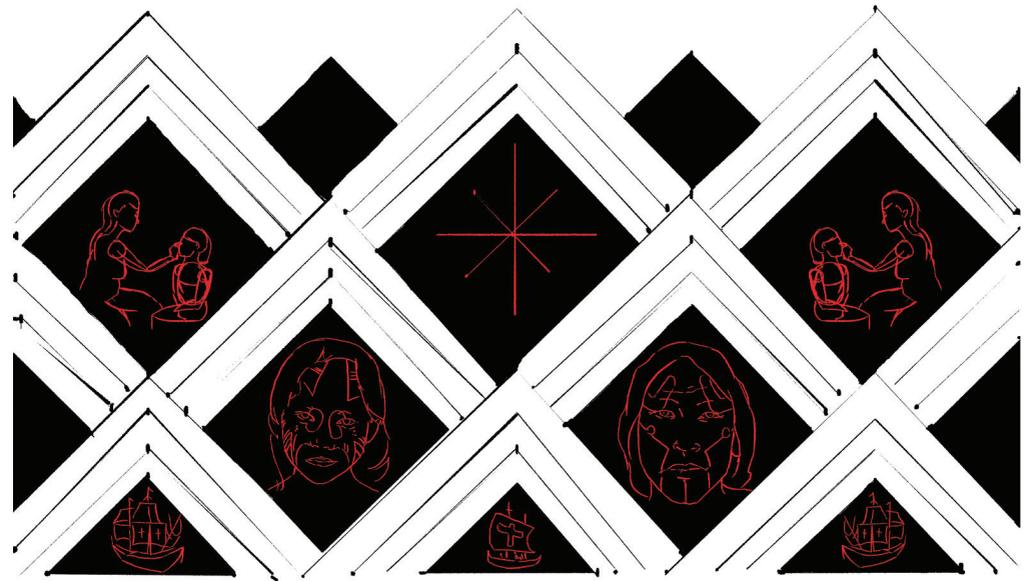


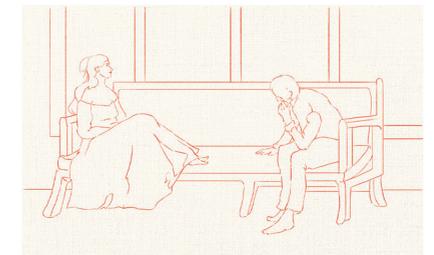
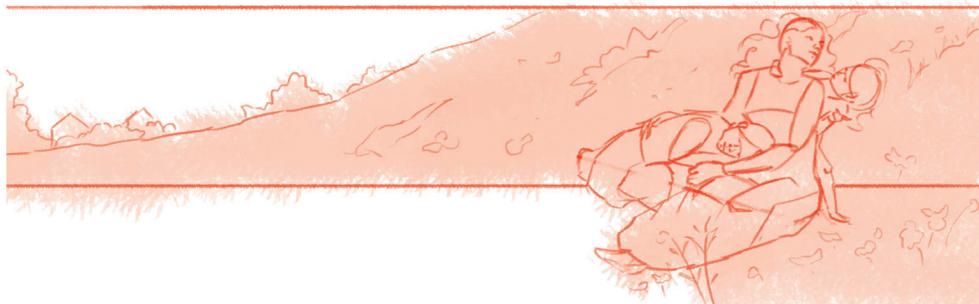
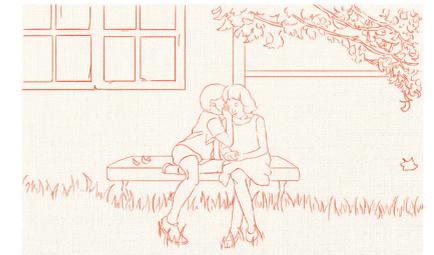
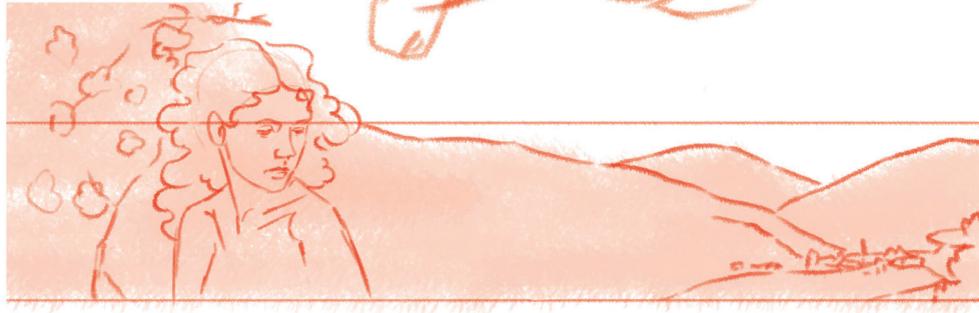
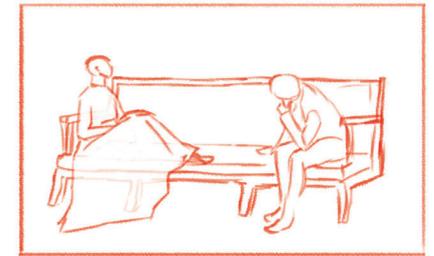
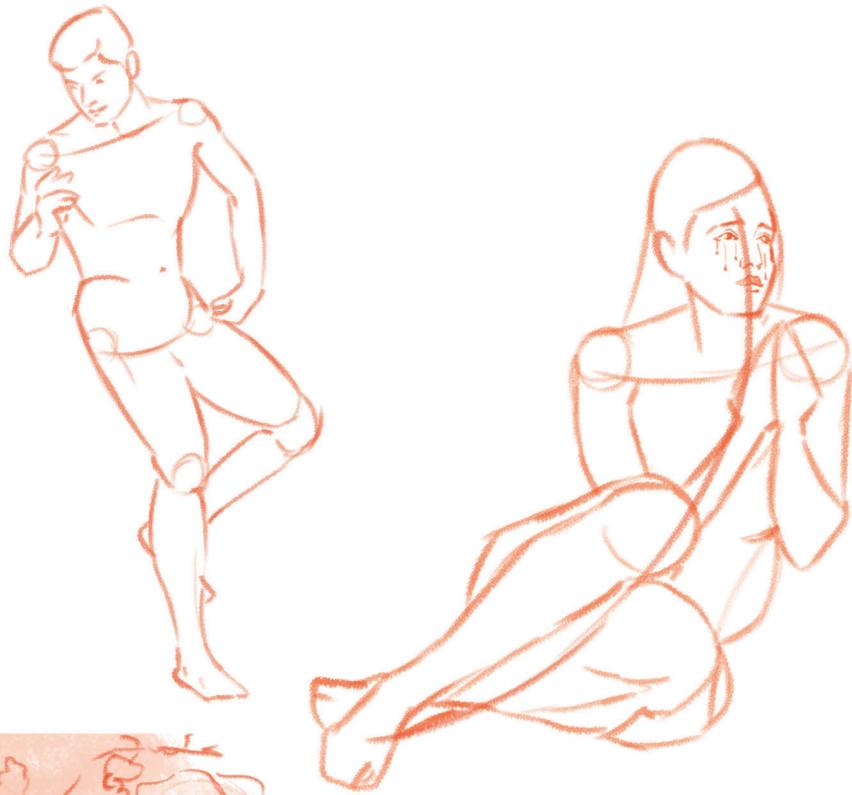
A maioria das personagens foram baseadas em artistas, escritoras, atrizes, cantoras ou ativistas brasileiras.

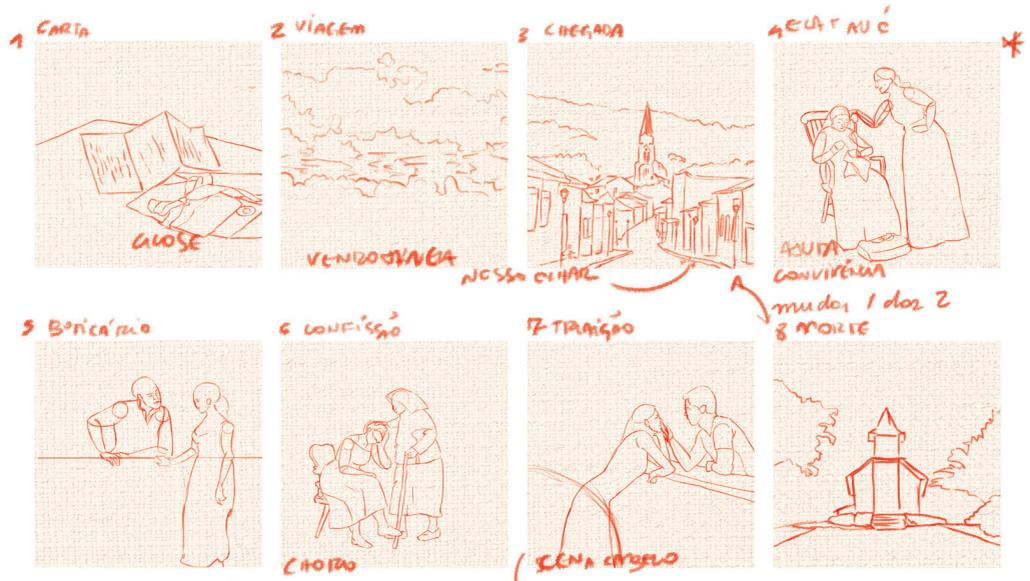




Após estabelecer a base para cada personagem, a criação dos spreads ilustrados começou.

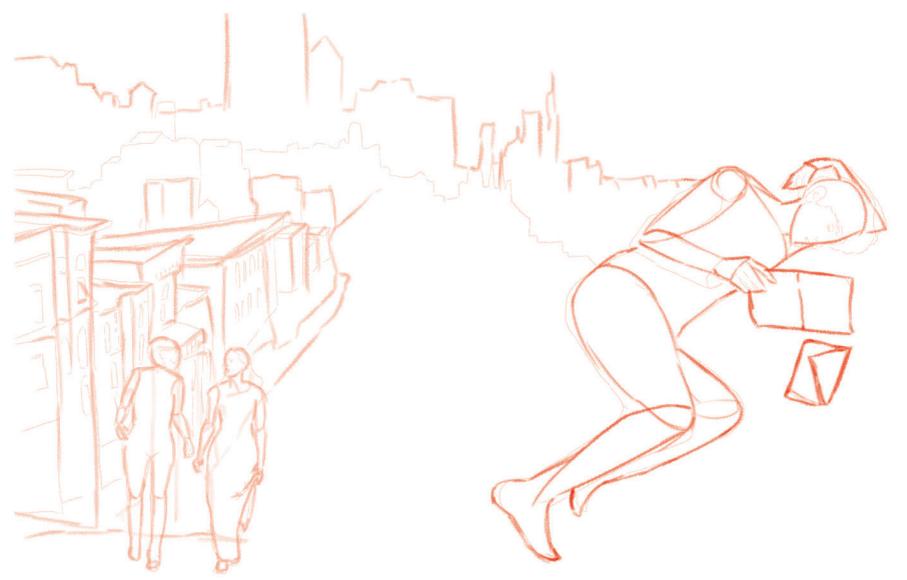
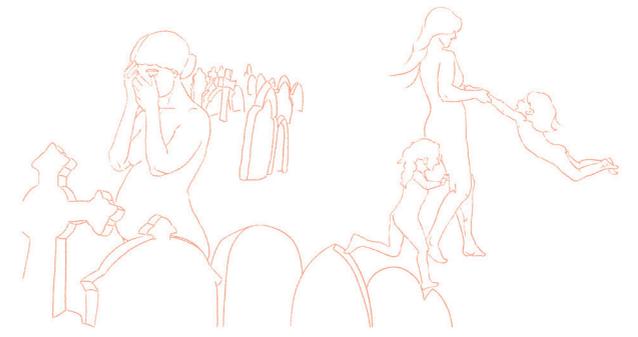
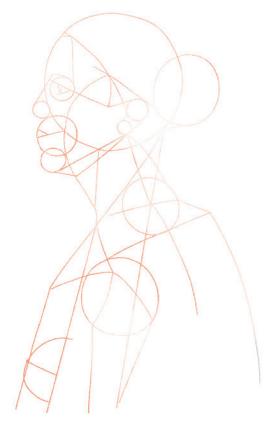
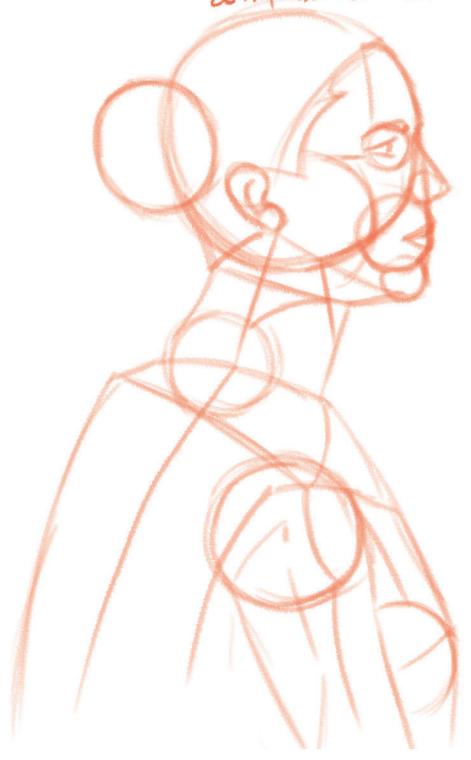




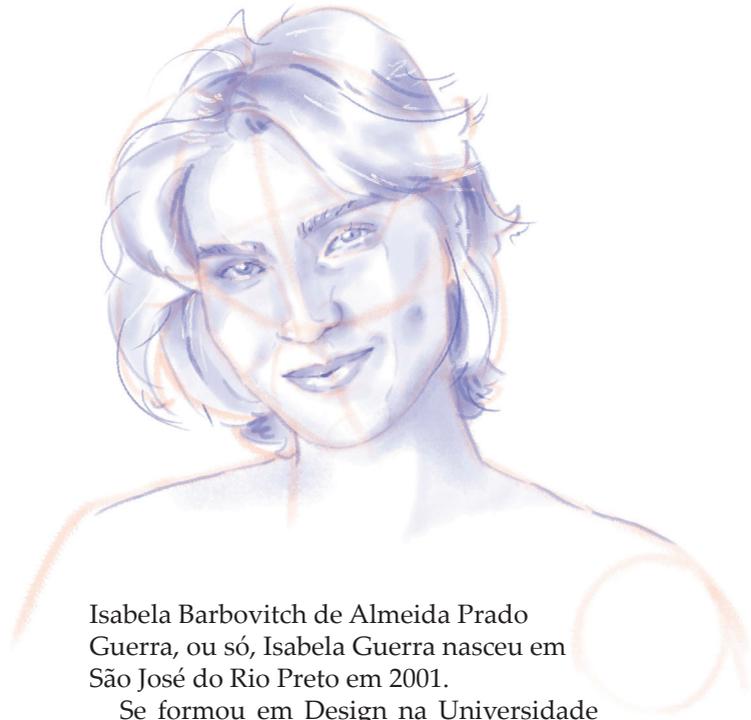


completam cena

na verdade







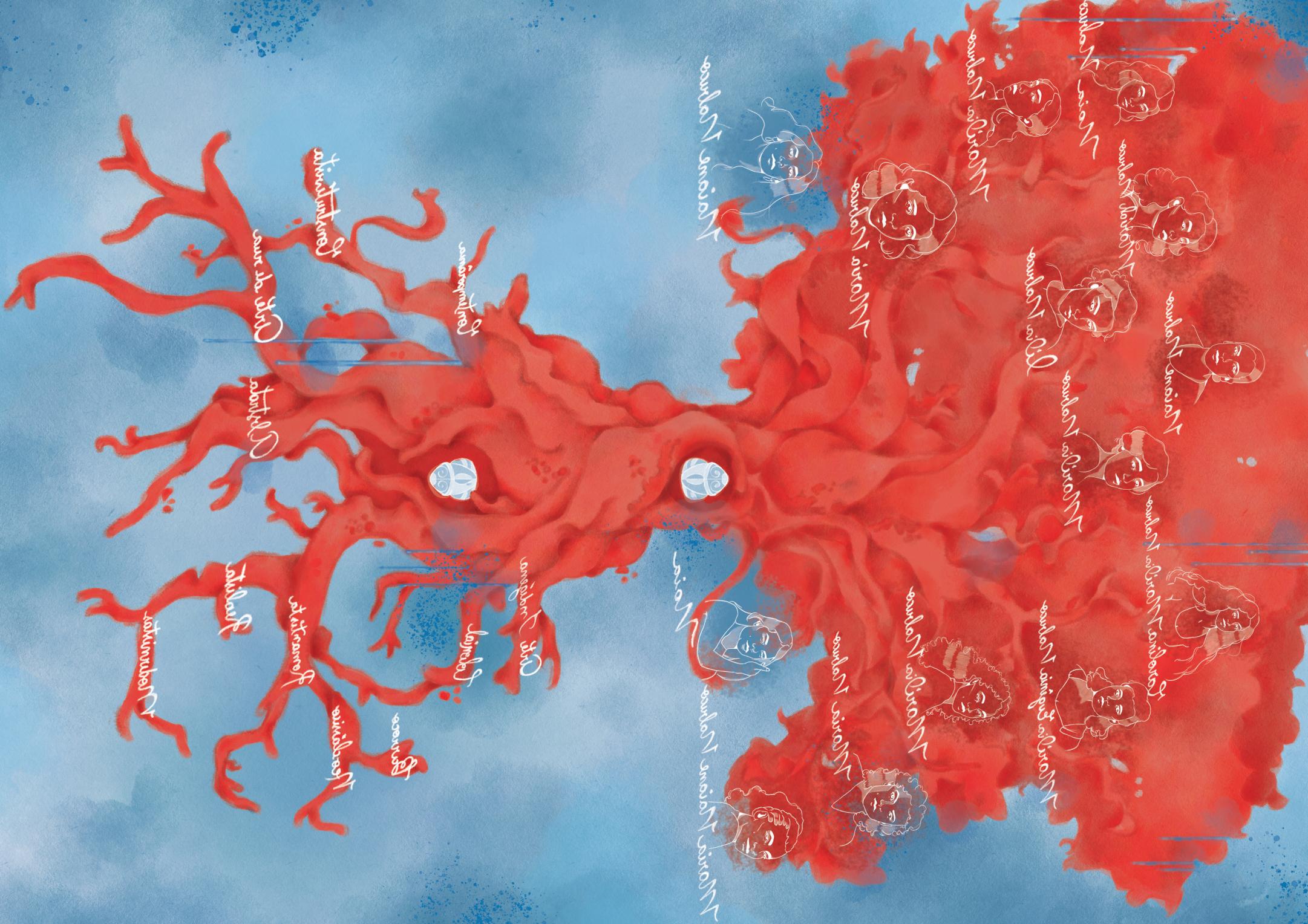
Isabela Barbovitch de Almeida Prado Guerra, ou só, Isabela Guerra nasceu em São José do Rio Preto em 2001.

Se formou em Design na Universidade de Santa Catarina em 2024 e se inspira em design, ilustração e um pouco de arte para trabalhar em seu dia a dia. Está foi a primeira obra totalmente realizada pela autora, desde a criação do projeto gráfico até as ilustrações, além do desenvolvimento do material textual, se inspirando na infância, nos sonhos de ser escritora.

Os livros sempre foram companheiros na trajetória da autora e sua família a acompanhou como inspiração durante toda sua jornada acadêmica. Esta obra não conta a história da família da autora, por mais difícil que tenha sido não compartilhar boas anedotas, mas sua família foi grande fonte de inspiração e apoio na realização.

Fontes
Palatino Linotype
Yeseva One

Papel
Pólen 90g/m²



amharic

Um livro inspirado no clássico Colombiano, 100 anos de Solidão do autor Gabriel García Márquez, com toques mais femininos, mais artísticos e mais brasileiros.

Retratos da Terra Vermelha busca, através de contos, poemas, textos de teor informativo e ilustrações, contar um pouco da história da arte e da história das mulheres no Brasil.

Por meio da família Nabuco será possível entender os movimentos artísticos de cada período histórico brasileiro, a partir de olhos femininos, e ainda conhecer um pouco mais sobre nossa própria história, apreciando novas artistas e explorando esse mundo de semi ficção familiar.